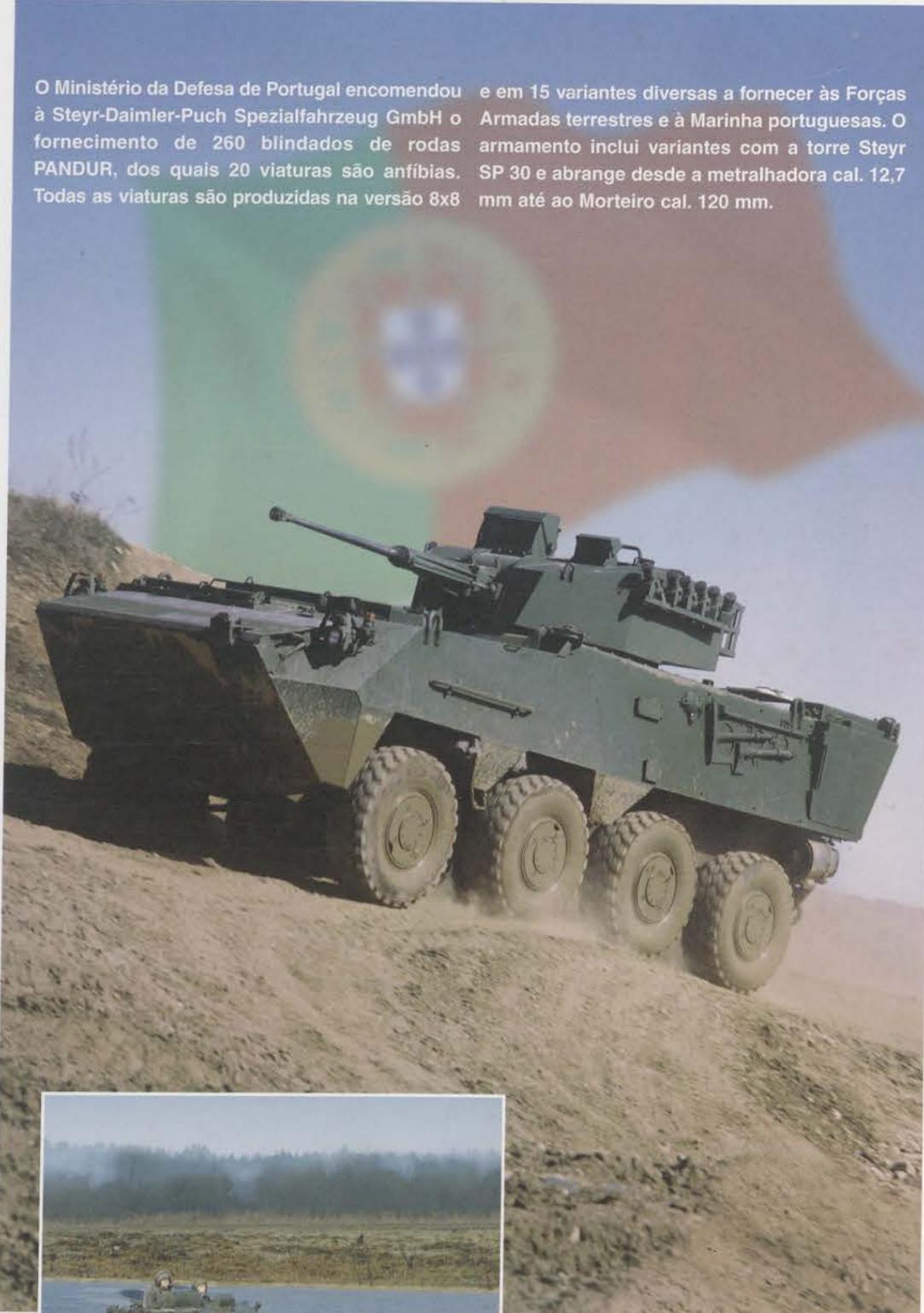




# Always ready for Operation Now ready for Portugal

O Ministério da Defesa de Portugal encomendou à Steyr-Daimler-Puch Spezialfahrzeug GmbH o fornecimento de 260 blindados de rodas PANDUR, dos quais 20 viaturas são anfíbias. Todas as viaturas são produzidas na versão 8x8 e em 15 variantes diversas a fornecer às Forças Armadas terrestres e à Marinha portuguesas. O armamento inclui variantes com a torre Steyr SP 30 e abrange desde a metralhadora cal. 12,7 mm até ao Morteiro cal. 120 mm.



STEYR-DAIMLER-PUCH  
SPEZIALFAHRZEUG GMBH  
A GENERAL DYNAMICS COMPANY



P.O.B. 100, A-1111 Vienna, Austria, Phone: +43-1-760 64  
Fax: +43-1-769 81 49, Homepage: www.steyr-ssf.com



## REVISTA

# da CAVALARIA

Revista Quadrimestral de Cavalaria | Março 2006 | 3ª Série | Ano IV | Nº 8



# Formação e Instrução na Cavalaria

GENERATION STEYR



# Palavras do Director Honorário da Arma



Velasco Martins  
Tenente General

Em boa hora decidiu a Revista da Cavalaria eleger como tema para o presente número a Formação e Instrução na Arma.

Desde sempre me tem merecido especial atenção a área do ensino e instrução no Exército, a todos os níveis. No que se refere à formação de Sargentos e de Praças tenho ideias consolidadas desde há alguns anos, que o tempo, bom e leal conselheiro, tem comprovado. Quanto à formação de Oficiais não me considero tão seguro na avaliação das vantagens e inconvenientes dos principais modelos que se têm imposto nas Escolas Europeias.

No modelo Britânico os futuros Oficiais fazem a sua formação académica antes de ingressarem no Curso de Oficiais, que ministra ensinamentos essencialmente de cariz militar. Os Alemães ministram uma formação militar de base aos candidatos a Oficiais no seu ingresso nas fileiras e depois comprovam no exercício das funções de Subalterno as suas qualidades militares, permitindo também ao jovem

avaliar se a Instituição corresponde às suas perspectivas, e só numa segunda fase é que os Oficiais vão fazer a sua formação académica superior. No modelo que temos seguido e que é adoptado pela maioria das Forças Armadas Europeias, o Exército habilita desde logo os seus futuros Oficiais com uma formação de nível superior, prioritariamente académica numa primeira fase e essencialmente de aplicação prática na fase final do Curso, e após esta coloca-os em Unidades no exercício pleno das suas funções.

***“Outrora, conduzir brava e gloriosamente à morte o seu Esquadrão, bastava para tornar imortal o nome de um Oficial de Cavalaria; hoje, a bravura só por si, pouco significará, se não for realçada por uma perspicácia e sagacidade naturais, desenvolvidas pela aplicação constante aos serviços de guerra e por uma cultura elevada de espírito...”***  
**Do Relatório da Comissão que reorganizou em 1894 os cursos de formação de Oficiais.**

A escolha da melhor opção é difícil, num momento em que se procura adequar todo o Ensino Superior em Portugal, incluindo obviamente o Militar, ao Processo de Bolonha, e como vos referi estou longe de ter certezas nesta área, excepto no que se refere à formação ao longo da carreira que temos adoptado e que tem sido um enorme trunfo da nossa preparação. Mais uma vez temos de estar na frente neste campo, ainda que não nos pareça necessário para tal alterar as linhas gerais do modelo que vimos seguindo com excelentes resultados.

Se a este necessário acerto pelos padrões de Bolonha acrescentarmos também o que se refere à formação de Praças, estamos num processo de adequação às profundas transformações que se estão a processar no Exército Português. Desde logo fica evidente a oportunidade e o interesse de que se reveste o tema eleito para esta edição da Revista da Cavalaria, que se espera tenha sido suficiente para provocar uma empenhada participação de todos os que querem a Arma e o Exército a servir cada vez melhor Portugal. ■

## 1. BALANÇO DE 2005

A Direcção da *Associação Revista da Cavalaria* congratula-se com o envolvimento dos seus sócios e colaboradores na prossecução dos objectivos delineados na 2ª Assembleia Geral de 16 de Fevereiro de 2005, que eram os seguintes:

- Editar quadrimestralmente a Revista da Cavalaria;
- Garantir a sustentabilidade financeira por um ano;
- Alcançar o número “300 sócios”;
- Promover a Jornada Técnica sobre o “Estado do Reconhecimento”, a realizar em parceria com uma Unidade da Arma e obedecendo ao critério de descentralização territorial.

Relativamente aos três primeiros objectivos, estes foram completamente satisfeitos:

- Três números editados (5, 6 e 7);
- Saldo positivo de 5.371,92 Euros em 31 de Dezembro de 2005, estando ainda por reaver cerca de outro tanto de proveniência das quotas dos sócios devedores e de alguma publicidade não paga;
- Atribuição do número 310 ao último associado, embora efectivamente existam 299 sócios. Essa diferença deve-se a algumas desistências e a alguns óbitos.

Por motivos exteriores à actual Direcção, mas por esta entendidos,

TCORCav FRANCISCO AMADO RODRIGUES  
Academia Militar.

não foi possível concretizar o quarto objectivo anteriormente enunciado. Contudo, aquela Jornada será realizada em 23 de Maio deste ano, na Escola Prática de Cavalaria (EPC), em regime de parceria.

## 2. PROGRAMA DE ACTIVIDADES PARA 2006

Em 16 de Fevereiro de 2006, na 3ª Assembleia Geral da *Associação Revista da Cavalaria*, foi aprovada a proposta de programa de actividades para o ano corrente. Desse programa destacamos as seguintes actividades:

- Realizar em parceria com o Centro Militar de Educação Física e Desportos (CMEFD) a Jornada Técnica sobre o “Estado da Equitação Militar”<sup>1</sup>;
- Realizar em parceria com a Escola Prática de Cavalaria (EPC) a Jornada Técnica sobre o “Estado do Reconhecimento”<sup>2</sup>;
- Produzir três números da Revista da Cavalaria e as Actas das duas Jornadas Técnicas referidas em epígrafe;
- Editar e distribuir o cartão de sócio.

## 3. O TEMA NUCLEAR DESTE NÚMERO...

... é sobre “Formação e Instrução na Cavalaria”.

A Cavalaria tem no corpo dos seus Oficiais, Sargentos e Praças da Arma um dos pilares estruturantes da sua sustentabilidade. Compete fundamentalmente aos Oficiais e Sargentos do Quadro Permanente

# Editorial

a promoção e realização de acções mestras que permitam assegurar a continuidade e valorização da Arma no seio do Exército e do País, complementados pelos militares que, por via de um contrato, servem temporariamente na Arma de Cavalaria. Todos, profissionais e contratados, estamos envolvidos em processos contínuos de formação e instrução ao longo das respectivas carreiras, quer sejam de longa duração quer sejam de curta. A transmissão de uma “boa escola” de uns para os outros é essencial para que se faça a diferença pela positiva, especialmente no que diz respeito aos valores morais, éticos e deontológicos, que constituem o denominador comum àquela formação e instrução, na prossecução do bem comum.

Assim, a formação dos Oficiais e Sargentos de Cavalaria do Quadro Permanente, orientada para uma carreira de longa duração, é entendida como o “conjunto de actividades que visam a aquisição de conhecimentos, perícias, atitudes e formas de comportamento exigidos para o exercício de um cargo” compatível com o seu posto e competências adquiridas. Quanto aos militares contratados (Oficiais, Sargentos e Praças), estes adquirem os conhecimentos, aptidões e normas de procedimentos de acordo com um plano de formação adequado à aquisição de competências e capacidades plasmadas por áreas funcionais.

A formação dos militares do Quadro Permanente está em trans-

formação, nomeadamente a dos Oficiais por via da adaptação do denominado "Processo de Bohna" ao Plano de Estudos Militares da Academia Militar, que é o estabelecimento militar de ensino superior responsável pela adequação equilibrada das vertentes de formação fundamentais: a científica de base, a científica de índole técnica e tecnológica, a comportamental, a física e adestramento militar e as actividades complementares.

O Exmo TGEN Velasco Martins presta a todos uma ímpar colaboração ao apresentar a 1ª parte do seu artigo "Esboço Histórico sobre a Formação dos Oficiais de Cavalaria", prevendo-se a total publicação nos próximos dois números. Na sua sequência será publicado um outro artigo que revele a arquitectura do novo curso de formação dos futuros Oficiais de Cavalaria e que está a ser desenhada.

Também se verificam alterações na formação dos Sargentos e das Praças, mas é nestas que ocorrem as substanciais mudanças de paradigma pela implementação do novo modelo de formação, como está desenvolvido no artigo do CAP Cav Simões de Azevedo "O novo modelo de Formação do Exército". A importância da Escola Prática de Cavalaria neste processo de formação dos quadros da Arma é evidente, o que por si não é novidade, pois tem essa incumbência identitária da Arma desde 1890. Daí a relevância do assunto e que constitui o móbil deste número: "Formação e Instrução na Cavalaria".■

#### NOTAS

- 1 - Esta Jornada realizou-se no CMEDE em 30 de Março deste ano. O tema abordado foi: "Equitação Militar - um salto para o futuro".
- 2 - Esta Jornada irá realizar-se na EPC em 23 de Maio deste ano. O tema seleccionado foi: "As Unidades de Reconhecimento e a Transformação do Exército Português".

## Linha editorial

Para os próximos números os temas serão:

Nº	Mês da Publicação	Data limite de entrega	Tema
9	Julho 2006	30 Junho 2006	A Cavalaria na contra-subversão: Passado, presente e futuro.
10	Novembro 2006	31 Outubro 2006	A Cavalaria e a Guerra Centrada em Rede.
11	Março 2007	28 Fevereiro 2007	Doutrina de Cavalaria, presente e futuro.

Os artigos não deverão ultrapassar as 3500 palavras e, sempre que possível, acompanhados de fotografias, mapas ou outras imagens que o autor entenda convenientes.

Independentemente do tema central, a Revista mantém fixas as seguintes secções:

- Palavras do Director Honorário da Arma.
- Editorial.
- Linha Editorial
- Correio do Leitor.
- Livros / Artigos / Revistas / Sites.
- Crónica
- Resenha de Actividades de Unidades.
- Promoções, Nomeações e Óbitos.

## Correio do Leitor

■ A Direcção da Associação Revista da Cavalaria vem por este meio informar o seguinte:

- Nas duas últimas páginas deste número encontram-se:
  - a ficha de inscrição destacável, a fim de ser utilizada pelos sócios que pretendam alterar a forma de pagamento das suas quotas, passando a fazê-lo por transferência bancária, ou para angariar novos sócios;
  - o modelo de cartão de sócio, para o qual solicitamos o envio de uma fotografia tipo passe, de preferência digital, para os contactos definidos na Ficha Técnica.

- Neste número, também será enviada uma notificação aos sócios individuais e colectivos que tenham as quotas em atraso, a fim de regularizarem a sua situação durante o período de tempo estabelecido pelo Regulamento em vigor.

- Ainda será distribuída uma fotocópia do Regulamento aos Estatutos da

Associação Revista da Cavalaria. Este foi aprovado na 3ª Assembleia Geral e realizada em 16 de Fevereiro de 2006.

■ A Escola Prática de Cavalaria, em parceria com a Associação Revista da Cavalaria, irá realizar em 23 de Maio de 2006 a Jornada Técnica "As Unidades de Reconhecimento e a Transformação do Exército Português". Os Oficiais e Sargentos de Cavalaria estão convidados a participar. Para tal terão de confirmar a presença até 17 de Maio de 2006 para a Secção de Operações e Informações da Escola Prática de Cavalaria, através dos seguintes contactos:

- E-mail: [epc@mail.exercito.pt](mailto:epc@mail.exercito.pt)
- Tel civil: 243 333 171
- Fax civil: 243 333 271
- Tel. militar: 422538/422541
- Fax militar: 422566



## A actual formação do Sargento

«Apesar de há vários séculos existirem em Portugal Sargentos que serviram no Exército em permanência e com estabilidade, só desde há escassas décadas se pode dizer com propriedade que existe um quadro permanente desta classe. Pode também afirmar-se que, até meados da década de vinte, o Sargento era apenas uma praça com graduação, como se infere da legislação até então promulgada.»

Alberto Ribeiro Soares, 1987).

### 1. ESBOÇO HISTÓRICO

O Decreto Lei nº 920/76, que estrutura a carreira militar dos Sargentos do Quadro Permanente (QP), estipula que a 1ª Parte do Curso de Formação de Sargentos (CFS) e do Curso de Promoção a Sargento Ajudante (CPSA) no todo ou em parte será ministrado na Escola de Sargentos do Exército (ESE). Adianta ainda que, não existindo legislação própria relativamente à organização e funcionamento da ESE e não tendo a mesma instalações próprias, têm os cursos da sua atribuição de ser ministrados no Centro de Instrução de Operações

MAJ Cav JOSÉ TORCATO  
Escola de Sargentos do Exército.

Especiais - Lamego (CFS) e na Academia Militar - Amadora (CPSA).

Por despacho do General Vice-chefe do Estado Maior do Exército (VCEME) de 2 de Março de 1981, foi decidida a instalação da ESE no aquartelamento do Regimento de Infantaria das Caldas da Rainha, tendo o General Chefe do Estado Maior do Exército (CEME), por seu despacho 103/REO de 10 de Abril desse ano, procedido à extinção daquele Regimento e criado nas suas instalações a ESE, enquanto estabelecimento de ensino militar, com efeitos a partir de 01 de Junho, determinando ainda o mesmo despacho o início dos cursos em Outubro de 1981.

A materialização da ESE veio preencher uma lacuna até aí existente:

uma Escola onde fossem ministrados os cursos de formação e promoção de sargentos do QP. O início do ano escolar em 12 de Outubro de 1981 marcou o proémio simultâneo do 10º CFS e do 8º CPSA com a frequência, respectivamente, de 288 e 84 alunos.

### 2. COMO INGRESSAR E PROGREDIR NA CARREIRA DE SARGENTO DO QUADRO PERMANENTE

A Carreira do Sargento QP de Qualquer Arma ou Serviço tem o seguinte percurso, onde se destacam quatro etapas:

- 1ª Etapa - Concurso de Admissão



Figura n.º 1 - Aula de volteio a cavalo.





# "Command and General Staff Officer Course"

É com grande satisfação que relato os aspectos mais significativos do *Command and General Staff Officer Course* (CGSOC), realizado entre 25 de Junho de 2004 e 17 de Junho de 2005, no *United States Army Command and General Staff College*, em *Fort Leavenworth, Kansas*, Estados Unidos da América.

O CGSOC 2004/2005 foi frequentado por 1051 Oficiais (964 Americanos e 87 estrangeiros de 76 países), assim repartidos:

Ramo das Forças Armadas	Americanos	Estrangeiros	TOTAL
Exército	856	86	942
Força Aérea	48	-	48
Marinha	40	1	41
Marines	19	-	19
Guarda Costeira	1	-	1
<b>TOTAL</b>	<b>964</b>	<b>87</b>	<b>1051</b>

Esse efectivo foi dividido por 16 Secções (designadas por um número de 1 a 16). Por sua vez continham 4 "*Small Groups*", isto é, pequenos grupos (designados por uma letra de A a D) constituídos por 16 ou 17 Oficiais-alunos cada, incluindo 1 ou 2 Oficiais Estrangeiros. Por exemplo, o *Small Group* 1D, do qual fiz parte, tinha a seguinte constituição:

A representação das várias Armas e Serviços desse grupo era bastante heterogénea, compreendendo a Infantaria, Artilharia de Campanha, Cavalaria, Aquisições, Polícia Militar, Engenharia, Aviação, Informações, Transmissões e Serviços Médicos, o que acrescentou mais valias às produções e discussões durante todo o curso.

Cada *Small Group* tinha três instrutores permanentes responsáveis pelas matérias de nível tático e operacional e de logística. Tinha ain-

da instrutores responsáveis pelas matérias mais técnicas e específicas, tais como: actuação e possibilidades de forças de outros Ramos, História, Liderança, *Force Management*, entre outras.

Os instrutores permanentes eram também responsáveis pelos respectivos alunos em termos ad-

ministrativos, ligando-se ora com a Divisão de Alunos Internacionais (IMSD), ora com a Divisão dos Alunos Americanos (USSD). Cada pequeno grupo e secção dispunham ainda de um instrutor responsável (*Small Group Adviser* e *Section Leader*). O corpo docente era constituído maioritariamente por Tenentes-coronéis e Civis (ex-Oficiais).

## CARACTERIZAÇÃO DO CURSO

### • INSERÇÃO NA ESTRUTURA ORGÂNICA, FUNCIONAL OU TÉCNICA

O *Command and General Staff College* encontra-se integrado no *Combined Arms Center* (CAC), em *Fort Leavenworth*.

A missão do CAC centra-se no desenvolvimento e formação dos quadros do Exército em quatro áreas: Liderança, Doutrina, Treino Colectivo e *Battle Command*. Compreende ainda quatro grandes organizações:

• *Command and General Staff College*

Distribuição	Exército	Marinha	Força Aérea	TOTAL
Oficiais Americanos	12	1	2	15
Estrangeiros:				
Portugal	1	-	-	1
<b>TOTAL</b>	<b>13</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>16</b>

TCORCav NEVES DE ABREU  
Instituto de Estudos Superiores Militares.

• *Combined Arms Doctrine Directorate* (CADD)

• *Combined Arms Center - Training* (CAC-T)

• *Training and Doctrine Command Program Integration Office - Battle Command*

Para além do CGSOC, o CGSC é ainda responsável por ministrar os seguintes cursos:

• *School of Advanced Military Studies* (SAMS), após o CGSOC

• *School for Command Preparation* (SCP), frequentado por COR/TCOR comandantes de unidades

• *Non-Resident CGSOC* (programa de ensino a distância)

### • INSERÇÃO NA CARREIRA PROFISSIONAL

O CGSOC destina-se a Oficiais do Exército dos Estados Unidos, com o posto de Major ou Tenente-Coronel. Todavia, a frequência do curso por Oficiais dos outros Ramos e Internacionais, é uma constante, imprimindo-se dessa forma um carácter conjunto e multinacional.

O curso decorre sob duas formas de organização da formação: presencial e a distância. Actualmente, cerca de cinquenta por cento dos Oficiais Americanos são seleccionados para frequência na forma presencial. No entanto, está a realizar-se um conjunto de estudos que vise permitir a frequência de todos os Oficiais nesta forma, ainda que implique necessariamente a redução do tempo.

O CGSOC 2004/2005 constituiu-se num novo modelo de curso, com uma estrutura e metodologia diferente do seu predecessor, e na carreira de um Oficial surgiu como a terceira iniciativa de formação, o *Intermediate Level Education* (ILE), que oferece a to-

dos os Oficiais do Exército o mesmo *Common Core, Military Education Level 4* e *Joint Professional Military Education I*.

### • QUALIFICAÇÃO QUE CONFERE

O CGSOC qualifica os Oficiais para o desempenho de funções de Comando de Batalhão e Brigada e de Estado-Maior nos escalões de Divisão e Corpo de Exército, e em Quartéis-generais de Forças Conjuntas e Combinadas.

Durante o curso, o Oficial-aluno pode habilitar-se em paralelo à frequência do programa *Master of Military Art and Science* (MMAS), focalizado na doutrina, arte operacional ou planeamento de campanhas, conferindo-lhe no final do curso o grau de Mestre, reconhecido pela *North Central Association of Colleges and Schools*.

## ESTRUTURA CURRICULAR GERAL

### • PREPARAÇÃO DO CURSO

O CGSOC é antecedido de dois cursos preparatórios:

- *Internacional Officer Preparatory Course* (IOPC), com três semanas de duração, destinado exclusivamente aos Oficiais estrangeiros, com vista a fornecer orientação e informação sobre o funcionamento do sistema social e político dos EUA e do Exército. Também tem como objectivo desenvolver junto dos Oficiais estrangeiros um conjunto de competências pelo recurso e utilização de meios informáticos, Internet e correio electrónico, que irão permitir consultar o *site* da Escola para troca de informação diversa (horários, contactar os instrutores e pares, etc.).

- *Command and General Staff Officer Preparatory Course* (P920), com duas semanas de duração, destinado aos Oficiais estrangeiros, aos Serviços do Exército dos EUA e aos elementos dos outros Ramos das Forças Armadas (*Navy, Air Force* e *Marines*), tendo em vista a aquisição de conhecimentos de doutrina e terminologia no âmbito da tática, logística, organização e comando e controlo, para que tais conhecimentos se constituam como uma base fundamental na frequência do CGSOC.



Museu da Cavalaria em Fort Riley, Kansas.

## • COMMAND AND GENERAL STAFF OFFICER COURSE

O Curso, com uma duração total de quarenta e quatro semanas, encontra-se dividido em três partes: *Common Core Curriculum*; *Advanced Operations Warfighter Course* (AOWC), só para oficiais seleccionados; *Joint Advanced Warfighter Studies* (JAWS), de nível conjunto e combinado.

O *Common Core Curriculum*, com uma duração de dezassés semanas, compreende um currículo comum a todos os oficiais, com um horário diário variável de quatro a seis horas, em média. As matérias abordadas foram as seguintes:

- C100 – *Foundations (Stage setter, Critical Reasoning, Leader Assessment)*
- C200 – *Strategic Studies*
- C300 – *Operational Studies*
- C400 – *Tactical Studies*
- C999 – *End of Course Exercise*
- F100 – *Force Management*
- H100 – *History (Transformation in the shadow of global conflict)*
- L100 – *Leadership*

A segunda parte do Curso (AOWC), com treze semanas de duração, compreende, para além dos conteúdos obrigatórios, um conjunto de três disciplinas de carácter opcional – *Advanced Application Program* (AAP). As matérias ministradas foram as seguintes:

- A522 – *Peace Operations (AAP)*
- A534 – *Joint Force Command (AAP)*
- A578 – *Fundamentals of Civil Affairs and PSYOP (AAP)*
- H200 – *History I (Military Revolutions)*
- L300 – *Leadership*



O Small Group 1D constituído por 16 oficiais.

- W000 – *Warfighting at the Operational Level*
- W300 – *Warfighting at the Division Level*

Na terceira parte do curso, com a duração de treze semanas, pode-se optar entre o W400 – *Warfighting at the Brigade Level*, ou o *Joint Advanced Warfighter Studies* de cariz conjunto e combinado, que mereceu a minha preferência e compreendeu as seguintes matérias:

- A539 – *Multinational Operations (AAP)*
- A660 – *Gettysburg for International Officers (AAP)*
- H200 – *History II (Military Revolutions)*
- L300 – *Leadership*
- J410 – *Strategy & Operational Planning*
- J413 – *Application Exercise*
- J420 – *Campaign Planning*
- J430 – *Standing Joint Force Headquarters (SJFHQ) & Joint Interagency Coordination Group (JIACG) Operations*
- J440 – *Crisis Action Planning*
- J480 – *Marine Corps MAGTF Planning & Operations*

O Curso terminou com a realização de um exercício, cuja duração foi de duas semanas, ao nível conjunto e combinado e com a participação de representantes do *Joint*

*Interagency Coordination Group* (JICG): Departamento de Estado, CIA, FBI, USAID, representantes de variadas NGO, entre outros.

Outros cursos complementares e de maior interesse ministrados no mesmo local

O SAMS (*School of Advanced Military Studies*) realiza-se durante um ano e destina-se a Oficiais que tenham concluído no ano anterior o CGSOC. A sua frequência por Oficiais dos EUA é em número mais restrito, sendo ainda frequentado por alguns Oficiais estrangeiros (em 2005/2006 permaneceram Oficiais da Alemanha, Austrália, Canadá, Holanda, Reino Unido e Itália). A selecção para o Curso é feita mediante a realização prévia de provas linguísticas de critérios exigentes. O curso termina com a realização e defesa de uma tese. Confere o grau de mestre e os Oficiais qualificados são extremamente solicitados para o desempenho de funções de estado-maior em unidades operacionais do Exército dos EUA.

## • ASPECTOS ESPECÍFICOS DE INTERESSE

Fruto do contexto actual das intervenções no Afeganistão e no Iraque, é extremamente interessante assistir e participar nas discussões



O CGSOC 04-05 foi frequentado por 87 oficiais internacionais de 76 países.

francas, onde os Oficiais americanos expressam os seus pontos de vista, por vezes divergentes, num ambiente de espírito académico. Ainda em função desses acontecimentos, verifica-se que os conteúdos curriculares evoluem em permanência e de forma a responderem às exigências do ambiente operacional que se vive na actualidade. A intervenção do Chefe do Estado-Maior do Exército em conferências sobre Liderança e Visão Estratégica do Exército tem um impacto muito positivo junto dos Oficiais do Exército. A existência de muitos Coronéis e Tenentes-Coronéis na Reserva, integrando as equipas de instrutores, constitui-se como uma mais valia pela possibilidade de aliar o conhecimento teórico à prática, donde resulta uma aprendizagem mais efectiva e contextualizada.

A estrutura e organização do currículo afigura-se bastante interessante, não só pela forma e lógica como o curso se encontra concebido, mas também pela sua metodologia.

A possibilidade do aluno poder escolher quatro AAP na segunda parte do Curso permite aprofundar o conhecimento em áreas específicas, que poderão ser particularmente aproveitadas, ou no futuro desempenho do Oficial, ou no caso

do aluno querer e ser seleccionado para a terceira fase do Curso, a fim de frequentar o JAWS com matérias extremamente úteis ao nível multinacional e conjunto.

## • CONFERÊNCIAS

Foram várias as conferências realizadas ao longo do ano lectivo e proferidas por entidades de reconhecida craveira profissional, sobretudo por Oficiais Generais, focalizadas nas lições aprendidas e na Liderança e Comando, sendo este último tema extremamente relevante no *Command and General Staff College*.

## • VISITAS

As visitas de estudo são destinadas exclusivamente a alunos estrangeiros e têm por finalidade expor os valores da sociedade americana, bem como o funcionamento das diversas organizações que caracterizam os poderes político-administrativo, judicial e legislativo. Assim, verificaram-se as seguintes visitas: Governo do Estado do Kansas em Topeka, Wichita (*Cowtown*), *Cessna Corporation* (empresa aeronáutica), *Fort Riley* (Unidade com responsabilidades no aprontamento de Forças a projectar), Museus e bibliotecas (*Kansas, General Dwight*

*Eisenhower, Presidente Harry Truman, etc.*), Universidades diversas, *Gettysburg* (*Staff ride* de três dias no campo de batalha onde se desenrolou esta batalha) e *Washington DC* (com *briefings* diversos de onde se destacam os do Tribunal Constitucional, *State Department*, *Home-land Security Department* e *CIA*).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o aparecimento e multiplicação de novos tipos de ameaças e riscos, associados às novas tipologias de conflito, o espectro das operações militares vai-se alargando numa miríade de possibilidades que resulta numa complexidade de doutrina, técnicas e procedimentos. O Exército dos EUA está claramente na vanguarda do pensamento militar. Por isso, a frequência deste Curso introduz vários benefícios para o Exército Português, como por exemplo: a possibilidade de ser realizada em permanência uma análise comparativa entre aspectos diversos, desde a organização curricular, passando por conteúdos, até às práticas de formação e metodologias em vigor.

Os possíveis contributos centrados nesses ou noutros aspectos, através da reflexão e estudo, introduzirão inovação e melhoria nos cursos do mesmo âmbito e a nível nacional.

Cabe referir ainda o benefício que, seja ele por razão técnico-profissional, social e até mesmo de representação nacional, sempre importante para um país da nossa dimensão, se obtém do facto de se conseguir reunir um conjunto tão vasto de Oficiais em representação de vários países num curso desta natureza. ■

# A Heráldica na Formação do Espírito Santo

Como durante as batalhas as vozes não podem ser ouvidas, usam-se tambores e sinetas. Como durante as batalhas as tropas não se vêem, usam-se bandeiras e guiões” Sun – Tzu.

De maneira geral, as unidades militares legendam os seus estandartes, brasões de armas ou guiões com uma frase de origem latina, de preferência retirada de um poema histórico - heróico cujo sentido mais se ajuste ao seu espírito de corpo e à sua função no campo de batalha. Frase que, na maioria dos casos, actua como um **Grito de Guerra**, num chamamento vocal aos que nela se revêem, excita para a luta e incita a fazer melhor. Este **grito**, é um apelo à **alma** do combatente, no sentido de se superar a si próprio e dar o melhor de si mesmo. Funciona como antigamente, quando as hostes em presença se lançavam ao combate, atrojando os ares em enorme vozearia antes das armas se entrecrocarem, o lamento dos caídos se fazer ouvir ou num apelo a vitória clamavam por S. Tiago, S. Jorge ou outra divindade tomada como patrono. Funciona como o antigo **tambor** que, no seu rufar cadenciado arras-

tava colina acima, sob intensa fuzilaria a massa compacta de combatentes. Funciona ainda quando os acordes vibrantes de um hino ou de uma marcha de guerreira mantêm o ritmo cadenciado da passada, não permitindo que o cansaço invada o corpo nem o espírito esmoreça; ou como disse certo oficial francês, auditor atento da música de Wagner, na véspera de entrar em combate: “*Amanhã saltarei das trincheiras e carregarei sobre os alemães, cantando Wagner*”.

O guião ou o estandarte não é mais do que um **emblema** que congrega à sua volta todos os que nele se identificam e nele se revêem, quer pela simbologia dos elementos que o compõe, quer pela legenda que apresenta e à qual respondem a um apelo. E esse emblema,

hoje divulgado pelas mais variadas entidades, mesmo colectivas ou particulares de carácter não militar, nasceu nos campos de batalha. À sua volta, cria-se e afirma-se o **espírito de corpo**. Este, juntamente com uma disciplina não imposta mas livremente tomada, lealdade e espírito de servir constituem na instituição militar os elementos base que formam e reforçam a sua **identidade**. Criada esta identidade, nasce o **orgulho de pertencer a...** Carrego sobre o inimigo, porque sou infante, cavaleiro ou artilheiro; procuro resgatar um ferido sob o fogo mortífero do adversário, porque é essa a minha missão. Protejo a minha bandeira perante a qual fiz o Juramento solene de defender *até à última gota de sangue*. Mas, na guerra, também há



Comemorações do Dia da Cavalaria no Esquadrão de Reconhecimento de Lourenço-Marques. (Moçambique, década de 70). (Arquivo EPC).

regras a cumprir; aquelas que a prudência e a disciplina, sem tolherem a acção aconselham pois, como referiu o marechal Foch, *na guerra não se faz o que se quer*. Bravura, intrepidez ou coragem, fora do contexto ou do momento próprio, não passam de um desafio gratuito que pode conduzir ao desastre. A indisciplina, seja em que circunstância for, redunde sempre em derrota. O soldado deve ser instruído na obediência aos seus chefes, integrando-se nas directivas dadas.

Na aquisição do espírito de corpo, tem ainda papel fundamental, uma instrução atenta e cuidada capaz de desenvolver os ideais de **HONRA, CORAGEM e VALOR**. Igualmente importante é o relacionamento e sentido de camaradagem adquirido na vivência diária da caserna, nas praxes – que por vezes enfermam por excesso ou despropósito – na cor da boina e mesmo na chamada linguagem de caserna, alguma mais vernácula do que o desejável, mas *Os Homens não tapam as orelhas*.

Nos tempos Pré-históricos, a necessidade de identificar as diversas formações de combatentes de forma a facilitar a sua coordenação e movimentação para que o esforço colectivo incidisse em determinado ponto, levou à criação de distintivos capazes de identificar os combatentes perante os chefes e entre si. Chineses, Egípcios, Persas e outros povos que se lançaram em empresas guerreiras identificavam-se nos campos de batalha por meio de estandartes. “*Gongos e tambores, guiões e bandeiras servem para chamar a atenção das tropas. Com as tropas por eles unidas, os bravos não podem avançar sozinhos e os covardes retirar – Sun-Tzu*”. Numa batalha, na aparente confusão que se gerava quando do cho-

que de combatentes, onde a luta era mais individual que colectiva, a acção gregária das bandeiras, guiões ou outros elementos identificativos, tinham importância fundamental. Não obedecendo a sua confecção a regras determinadas, havia contudo uniformidade de critério nos motivos identificativos dos vários corpos militares. Os *hóplitas* gregos ou os *legionários* romanos pintavam figuras decorativas dos mais variados motivos nos seus escudos redondos ou rectangulares. Os romanos, que sentiam uma certa atracção pela iconografia predatória, utilizavam frequentemente nos seus escudos ou estandartes a figura dos animais considerados nobres, os quais pelo seu fascínio, poder e força são dignos de figurar na simbologia militar que se quer forte e austera. Por este motivo, podemos encontrar representado em estandartes de todos os tempos, a figura do cão, do lobo, do touro, leões, águias ou animais mitológicos como o capricórnio, que serviu de distintivo à legião romana, LEG. II AVG, fundada por Augusto para combater as tribos sublevadas da *Britania*. A águia de ouro, animal ligado ao culto de Júpiter Ótimo Maximus simbolizava a força das legiões romanas (*Primum signum totius legionis est*

*aquila, quam aquilifer portat*). A águia esteve representada nos exércitos de Napoleão e de Hitler.

A necessidade de disciplinar a feitura dos estandartes deu origem à Heráldica. Esta impôs um conjunto de normas para distinguir e individualizar as diversas facções das componentes militares, figuras individuais ou outras de que se necessita marcar a sua presença. As cores e os símbolos passaram a ter significado próprio. E é na simbologia expressa nos seus estandartes, guiões, galhardetes ou flâmulas que as unidades militares se revêem e à volta dos quais o espírito de corpo toma forma, consolida e age. O exemplo mais actual será o **estandarte-guião**, amplamente divulgado nas campanhas do Ultramar pois, todas as Unidades ou sub-unidades, tinham guião próprio. Assim, cada comandante, independentemente da forma como conduziu a preparação dos seus homens, ao formar a sua unidade, procurou imprimir nela um cunho próprio, o desejo de cumprir e, de uma forma simples e emotiva, procurou individualizá-la, configurando-a no guião. Para isso, contribuiu uma instrução fundamentada e orientada para a missão. É nesta instrução e na maneira como lida, fala e trata os homens postos sob os seus olhares que o capitão, de to-



Desfile do Esquadrão de Reconhecimento do Regimento de Cavalaria de Estremoz (década de 80). (Arquivo EPC).



# Esboço Histórico da Formação dos Oficiais de Cavalaria

## INTRODUÇÃO

Com o passar dos anos apercebemo-nos que muitos dos factos que vivemos ou presenciámos já são história remota para os mais jovens e sentimo-nos na obrigação de contribuir para que esses acontecimentos se mantenham vivos na memória colectiva, quanto mais não seja como sinal de respeito por aqueles que nos antecederam. Com este objectivo tenho vindo a reunir e organizar elementos sobre a Formação dos Oficiais de Cavalaria, tarefa a que ao longo da minha vida profissional me sinto tão ligado e que em resposta a um desafio dos Camaradas que lutam por manter viva a REVISTA DA CAVALARIA, me atrevo a apresentar.

Neste primeiro e breve esboço, que tenho a intenção de enriquecer e consolidar, recorri ao contributo de respeitadas antecessores, à muita documentação que tenho reunida e ainda à memória de experiências vividas.

A dimensão desta resenha recomenda que a mesma seja apresentada ao longo dos três próximos números da Revista, nos quais abor-

darei sucessivamente o Período da Monarquia, o da 1ª República ao Estado Novo, inclusive, e finalmente o que se estende de Abril de 1974 aos dias de hoje, com a adequação ao Sistema Universitário Europeu definido nas suas linhas gerais em Bolonha.

fundação do Real Colégio dos Nobres, e principalmente da Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho, fosse propiciada uma preparação intelectual aos futuros Oficiais de Cavalaria que até então nunca lhes fora dada.

### CRONOLOGIA DA EVOLUÇÃO DA FORMAÇÃO DOS OFICIAIS DE CAVALARIA ATÉ À I REPÚBLICA

- Até à criação da Escola do Exército formavam-se apenas Comandantes de Pelotão
- 1837 - Criação da Escola do Exército Preparatórios na Universidade
- Curso de um ano com frequência de Cadeiras em Universidades civis
- Dois anos de avaliação de desempenho ao serviço em Unidades da Arma
- 1849 - Cria-se um primeiro esboço de Escola Prática de Cavalaria então designado Depósito Geral
- 1863 - O Curso de Cavalaria na Escola do Exército passa a ser de dois anos
- 1868 - Criação do Depósito de Cavalaria de Torres Novas
- 1878 - O Governo decide criar uma Escola de Cavalaria
- 1884 - O desenvolvimento que sofrera o Ensino Secundário permite dispensar os Preparatórios Universitários e reformulam-se os Cursos
- 1887 - Criação da Escola Prática de Infantaria e Cavalaria
- 1890 - Criação da Escola Prática de Cavalaria por secessão da Escola Prática de Infantaria e Cavalaria
- Reorganização do Curso de Cavalaria da Escola do Exército marcada pela formação complementar na Escola Prática de Cavalaria
- 1892 - Reorganização que volta a impor Preparatórios para o acesso à Escola do Exército mas diferenciados dos da Engenharia e Artilharia
- 1894 - É implementado o internato para os Cadetes da Escola do Exército
- 1902 - Transferência da Escola Prática de Cavalaria para Torres Novas

## 1ª PARTE - O PERÍODO DA MONARQUIA

Só a partir de 1837 se inicia com a criação da Escola do Exército uma verdadeira formação de base científica dos Oficiais de Cavalaria, ainda que já anteriormente com a

Aproveitando a ilustre e importante herança daquela Academia Real, o Visconde de Sá da Bandeira definia no Relatório que precedeu a Organização da Escola do Exército, objectivos muito ambiciosos para a época que se traduziam no padrão elevado e inovador de que

se devia revestir o ensino nesta, mesmo do ponto de vista intelectual, no sentido de todas as Armas e Serviços serem dotados de Oficiais aptos para o exercício das funções que lhes iriam ser cometidas ao longo da sua carreira, *“de tal modo que não somente possam corresponder aos deveres de cada posto, nas suas respectivas Armas, mas se habilitem dignamente para os principais Comandos”*<sup>1</sup>.

Até então apenas se formavam Comandantes de Pelotão e o acesso a postos mais elevados era apenas determinado por provas de valentia e desembaraço evidenciadas em campanha, ou por se pertencer à nobreza.



O TENCav Sá Nogueira que viria a ser o fundador da Escola do Exército.

O acesso à Escola do Exército tinha que ser precedido por um ano preparatório, a frequentar na Escola Politécnica ou na Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra, com aproveitamento nas disciplinas de Matemáticas Elementares, Princípios das Ciências Naturais e Desenho.

O Curso na Escola do Exército para os Oficiais de Cavalaria tinha a duração de um ano, durante o qual além dos Cursos de Física Experimental e Química Geral que frequentavam na Escola Politécnica, tinham na própria Escola do Exército as Cadeiras de Topografia e Desenho Militar e de Arte Militar e Fortificação Passageira, que incluía matérias como a Tática, a Estratégia, a Organização e Doutrina de Emprego das outras Armas e Serviços, as Comunicações, os Princípios Gerais Sobre as Obras de Arte de Interesse Militar e até as Noções de Direito das Nações em Tempo de Guerra. Esta formação de cariz técnico-científico era complementada com instrução de equitação e esgrima ao longo de todo o ano, que culminava com os Exercícios de Campo no final do ano lectivo.

Estes Alferes Alunos, tal era a designação que tinham nesse período, eram depois avaliados durante mais dois anos de serviço efectivo numa Unidade da Arma, que uma vez cumpridos, evidenciando bom desempenho e regular comportamento lhes permitia a efectiva promoção a Alferes, com preferência sobre outros candidatos que não tivessem frequentado a Escola do Exército.



ESCOLA DO EXÉRCITO 1837 - 1910

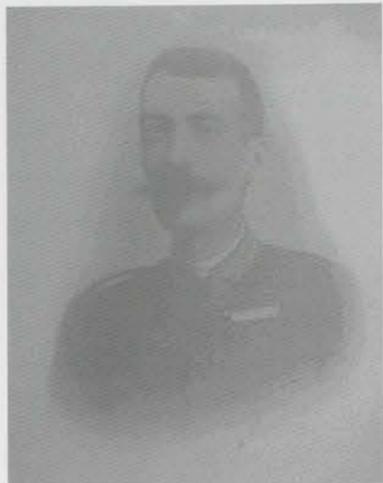
Porém, nem todos os Oficiais de Cavalaria da época tinham de frequentar a Escola do Exército, tendo em consideração que de acordo com a organização de 1841 estes representavam apenas metade das vagas, sendo a outra parte preenchida pelos provenientes da classe de Oficiais Inferiores. Esta proporção foi alterada dez anos mais tarde, data a partir da qual os oriundos da Escola do Exército passaram a representar dois terços, sendo as restantes vagas preenchidas pelos Sargentos habilitados com os Cursos das Escolas Regimentais.

Apenas no ano de 1849, por Decreto de 20 de Dezembro, na sequência das experiências iniciadas em 1811 com a organização dos Depósitos de Cavalaria e continuada em 1841 com a *“Escola Normal para o Ensino de Ordenança da Cavalaria”*,<sup>2</sup> de Évora, foi criado o Depósito Geral, verdadeiro antecessor da actual Escola Prática pela similitude das suas funções. Com esta criação, a partir de 1851 os Alferes Alunos da Arma passaram a não ser promovidos sem que a sua aptidão fosse avaliada por este Depósito Geral.



Em 1863 processou-se uma reorganização dos Cursos da Escola do Exército. Para os Alunos de





Major de Cavalaria Bento da França Salema, Professor de Tática de Cavalaria até 1904.

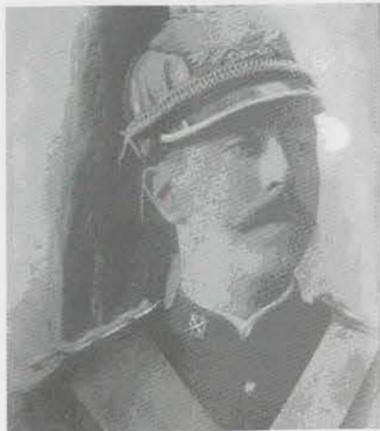
De acordo com o modelo de 1892, mantinha-se o estabelecido em 1890 no que se referia à conclusão da formação dos futuros Oficiais na Escola Prática de Cavalaria e os 1º Sargentos Cadetes da Arma, logo após a frequência com aproveitamento do Curso na Escola do Exército, faziam um ano de serviço naquela, findo o qual eram então promovidos a Aspirantes a Oficial.

Cedo se constatou que as dificuldades impostas pela elevação da exigência dos Preparatórios Universitários, estabelecida na organização de 1892, conduziu a curto prazo a uma significativa redução dos ingressos na Arma de Cavalaria (e também na de Infantaria), o que obrigou novamente a diferenciar os níveis exigidos para o seu acesso, em comparação aos Cursos de Artilharia e de Engenharia, criando-se então duas vias claramente distintas: uma de menor dificuldade académica para a Cavalaria (e Infantaria) e outra de maior rigor académico para as restantes duas Armas. Por sua vez, esta diferenciação implicou também a criação de dois Cursos Gerais.

Essa nova organização dos Cursos da Escola do Exército teve lu-

gar em 1894, com as alterações de detalhe levadas a efeito em 1896 e 1897, regendo a formação dos Oficiais de Cavalaria até à implantação da República.

Deste último modelo organizacional do período Monárquico, julga-se merecer realce a individualização das Tácticas de Cavalaria e de Infantaria, que até a essa data se constituíam numa Cadeira única. A então 3ª Cadeira abrangia o ensino de "Princípios de Tática (Geral) e Estratégia, Armamento e Equipamento, Tática e Serviços da Cavalaria".



Capitão de Cavalaria Cristóvão Aires de Sepúlveda, Professor de Tática de Cavalaria de 1906 a 1911.

O Capitão de Cavalaria Fernando da Costa Maya, que já leccionara Tática Geral em anos anteriores, assumiu a regência dessa Cadeira, sendo assim formalmente o primeiro Professor de Tática de Cavalaria do Ensino Superior Militar.

O ensino da Hipologia fora integrado também na nova Cadeira de Tática de Cavalaria logo em 1896, deixando de estar individualizado, por se ter constatado a pouca eficácia do mesmo quando a cargo do Mestre de Equitação, ou mesmo do Veterinário, como se vinha verificando do antecedente.

A formação dos Oficiais de Cavalaria compreendia então o re-

ferido Curso Geral de um ano, comum à Infantaria e à Cavalaria, durante o qual os Alunos eram 2º Sargentos Cadetes (excepto os do Colégio Militar que eram já 1º Sargentos Cadetes) e o Curso de Especialização da Arma de Cavalaria, também com a duração de um ano lectivo, durante o qual os Alunos eram 1º Sargentos Cadetes.

No Curso Geral eram ministradas:

- a 2ª Cadeira, que abrangia matérias como o Tiro das Armas de Fogo Portáteis, o Armamento, o Equipamento e a Tática e Serviços da Infantaria;

- a 3ª Cadeira, anteriormente referida e que tinha uma segunda parte vulgarmente conhecida por Tática e Serviços de Cavalaria, que integrava a especialização do Curso de Cavalaria.

Pela organização de 1894 foi também posto efectivamente em prática o regime de internato para os Alunos da Escola do Exército, embora o mesmo já constasse da Organização de 1863.

A existência da Escola Prática de Cavalaria no Alentejo manteve-se apenas até 1902, ano da sua transferência para Torres Novas<sup>8</sup>, na sequência da reorganização do Exército do ano anterior, e aqui (Torres Novas) permaneceu durante mais de meio século.■

(Fim da 1ª Parte  
Continua no próximo número)

**NOTAS**

- <sup>1</sup> Relatório do Visconde de Sá da Bandeira que precedeu a Organização da Escola do Exército.
- <sup>2</sup> Determinação de 21Mai1841, publicada na OE 32 de 21Set, página 2.
- <sup>3</sup> Decreto de 10Dec1868, publicado na OE 70 de 12Dec, página 447.
- <sup>4</sup> Revista Proclum de Mai1937, página 67.
- <sup>5</sup> Revista Proclum de Mai1937, página 67.
- <sup>6</sup> Carta de Lei de 22Ago1887, publicada na OE 19 de 01Set, página 471.
- <sup>7</sup> Dec de 17Abr1890, publicado na OE 16 de 26Abr, página 200.
- <sup>8</sup> Telegrama do Ministro da Guerra no nº8 da OS 29 de 29Jan1902.

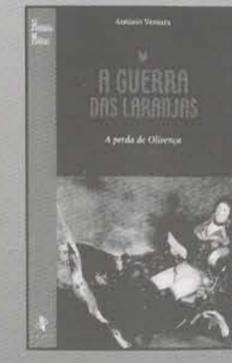
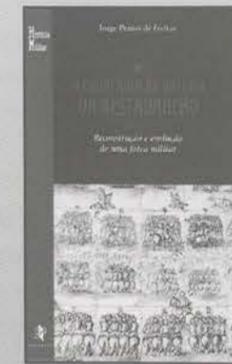
História Militar é uma colecção que propõe aos leitores uma perspectiva abrangente das diversas vertentes e matérias que dela fazem parte.

Assim, a colecção História Militar propõe-se aprofundar os temas abordados em quatro séries:

Guerras e Combates – trata dos conflitos em que as Forças Armadas de Portugal participaram desde a Antiguidade até aos dias de hoje;

Armas de Portugal – Descreve em pormenor os equipamentos e meios humanos utilizados pelas forças armadas portuguesas;

Memórias de Guerra – Dá a conhecer as experiências daqueles que participaram nos eventos bélicos; estudos e documentos – Dá a conhecer estudos aprofundados e documentos inéditos que contribuem para a análise da História Militar.



**Guerras e Combates**

- A Vitória do Quarto Cavaleiro (1384-1385)  
Miguel Gomes Martins
- A Cavalaria na Restauração (1641-1668)  
Jorge Penim de Freitas
- A Guerra das Laranjas (1796-1801)  
António Ventura
- A Força Aérea na Guerra em África (1961-1974)  
Luís Alves de Fraga
- Os Navios de Portugal na Grande Armada (1574-1592)  
Augusto Salgado
- Angola (1961)  
António Lopes Pires Nunes

**Estudos e Documentos**

- Guerra e Marginalidade (1917-1918)  
Luís Alves de Fraga
- Análise Global de uma Guerra (1964-1974)  
Francisco Proença Garcia
- Combater em Moçambique (1964-1975)  
Manuel Amaro Bernardo
- Memórias da Revolução (1974-1975)  
Manuel Amaro Bernardo
- Organização Superior de Defesa Nacional (1640-2004)  
António Silva Ribeiro
- Contra-subversão em África (1961-1974)  
John P. Cann

**Memórias de Guerra**

- As Flores do Sol Nascente (2000-2001)  
Benjamim Feliz
- Era Tempo de Morrer em África (1961-1975)  
Nogueira e Carvalho
- O Paparratos (1969-1971)  
José Pardete Ferreira
- O Inferno Verde (1968-1972)  
José Alberto Mesquita

**Armas de Portugal**

- Tropas Pára-quadistas (1955-2003)  
Miguel Machado e António Carmo
- A Nau de Portugal (1498-1650)  
Filipe Vieira de Castro
- Enfermeiras Pára-quadistas (1961-2002)  
Luís A. M. Grão

Prefácio – Edição de livros e Revistas, Lda  
Rua Pinheiro Chagas, nº 19 – 1º 1050-174 Lisboa  
Tel: 213143378/3530376 Fax: 213143380  
e-mail: editora.prefacio@mail.telepac.pt

# O novo modelo de Formação no Exército

A finalidade deste artigo é dar a conhecer as alterações que sofreu o Sistema de Instrução no Exército, referindo-me muito sucintamente ao novo modelo de Serviço Militar para a categoria de Praças e aprofundar o novo modelo de Formação, bem como, mostrar a importância das Escolas Práticas em todo este processo.

## 1. MODELO DE SERVIÇO MILITAR – CATEGORIA DE PRAÇAS

O novo modelo de Instrução surge em 2003 após o Exército ter iniciado o seu processo de transformação que aconteceu em dois níveis: o conceptual e o da implementação, como está prescrito na Directiva 193/CEME/03. Uma das principais tarefas inscrita nesta Directiva de S. Exa o General Chefe do Estado Maior do Exército (CEME) e cometida ao Comando de Instrução (CI) é: “Rever o sistema de instrução de praças, aprofundando designadamente uma modalidade que contemple a ampliação do período de Instrução Básica e a substituição da actual Instrução Complementar por uma

solução de “On-the-job training” e de cursos de qualificação”.

Decorrente dessa Directiva, foi concebido um novo modelo de Serviço Militar para a categoria de Praças<sup>1</sup>, que se adapta ao sistema profissional do Regime Voluntário e Contratado (RV/RC), com os objectivos de:

- Simplificação e flexibilização de procedimentos de recrutamento;
- Formação e Gestão de Recursos Humanos, possibilitando desta forma o cumprimento integral da missão da componente terrestre do Sistema de Forças Nacional;
- Corresponder às expectativas relativas à prestação de Serviço nas Áreas Geográficas Preferenciais.

Naturalmente, com a concepção deste modelo de Serviço Militar, em que se pretende que as Praças RV/RC comecem a sua prestação

de serviço nas unidades da Força Operacional Permanente do Exército (FOPE), o aumento da mobilidade geográfica destes militares com a preocupação de garantir a prontidão da FOPE e possibilitar acções de formação profissional, durante o período que estas Praças não prestarem serviço na FOPE, para apoiar a sua reinserção na vida civil, o sistema de Formação dos militares RV/RC teve de ser alterado para responder a estes requisitos.

## 2. NOVO MODELO DE FORMAÇÃO NO EXÉRCITO

O novo modelo de Formação no Exército insere-se no novo Sistema de Instrução do Exército sen-

do composto por três componentes: a Formação, a Educação e o Treino. Neste artigo não serão desenvolvidas as duas últimas.

A “Instrução” é definida como o “Processo através do qual aos formandos (alunos) são proporcionados os meios necessários à aquisição de conhecimentos, aptidões e normas de procedimento”<sup>2</sup>, ou seja, quando há necessidade de uma intervenção planeada com a finalidade de adquirir competências<sup>3</sup> e capacidades. A “Formação” é entendida como o “Conjunto de actividades que visam a aquisição de conhecimentos, perícias, atitudes e formas de comportamento exigidos para o exercício de um cargo<sup>4</sup>, ou profissão”<sup>5</sup>, ou seja, a intervenção é orientada para os profissionais para proporcionar novas competências.

Este modelo de formação assenta em três pilares importantes: a gestão por Áreas Funcionais (AF), o Processo de Formação e a importância do papel do Cmdt/Dir/Ch de U/E/O. O aparecimento do conceito “gestão por Áreas Funcionais” teve como consequência a extinção do conceito de Especialidade, passando os militares a ser agrupados em AF, de acordo com

um conjunto de afinidades de tarefas e actividades, cuja execução concorre para o desempenho de um conjunto de cargos, extraídos dos Quadros Orgânicos de Pessoal (QOP) elaborados pelo Estado Maior do Exército, tendo sido identificadas 20 AF no Exército<sup>6</sup>. Na identificação das AF foram tidas em consideração as novas necessidades de formação, como consequência de:

- Obsolescência das acções de formação ou eliminação da formação que tem um elevado custo e que se caracterizam por não terem interesse militar directo;
- Pelo levantamento de novas acções de formação devido ao aparecimento de novos meios que venham a equipar o Exército e permitir a transferência de uma Praça de uma AF para outra, caso o seu perfil psico-profissional o permita.

## 3. PROCESSO DE FORMAÇÃO

O Processo de Formação assenta no Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército (CFGCPPE), sendo o CI a entidade responsável pelo seu planeamento

e coordenação, e na formação Pós-CFGCPPE em que as Escolas Práticas (EP) constituem-se como Entidade Primariamente Responsável (EPR).

Todos os militares incorporados iniciam a sua formação frequentando o CFGCPPE num dos Centros de Instrução Geral (CIG) – Regimento de Artilharia N°5 ou Regimento de Infantaria N°2 – durante doze semanas. Após terminar este período, os militares iniciam a formação Pós-CFGCPPE nas EP ou nas Unidades de colocação; esta tem duração variável e é orientada para o cargo que a Praça em RV/RC vai desempenhar, após este período, o militar ficará habilitado com as qualificações<sup>7</sup> necessárias para o desempenho de um cargo específico.

Estas qualificações<sup>8</sup>, adquiridas na formação Pós-CFGCPPE, podem ser de três tipos.

### – Tipo I

Denominada como “On-the-job training” ou Formação no Contexto de Trabalho, é ministrada na U/E/O de colocação do militar, utilizando os meios orgânicos da unidade e não obedece a um calendário ou programação específica, sendo da responsabilidade de execução dos Comandantes directos dos formandos e da iniciativa do Cmdt/Dir/Ch da respectiva U/E/O.

### – Tipo II

É ministrada sob a forma de curso em Escola ou Centro de Instrução, utilizando meios dedicados à formação, destinada a habilitar ao desempenho de funções de cariz militar. É da responsabilidade de planeamento da EP, ministrada sob sua égide e desencadeada a pedido do Cmdt/Dir/Ch da U/E/O de colocação.

### – Tipo III

É ministrada em Escola, Centro de Instrução ou no exterior do



Instrução de condução de viaturas blindadas.



Instrução de Auto-metralhadora “V-150”.

CAPCav SIMÕES DE AZEVEDO  
Escola Prática de Cavalaria.

Exército, utilizando os meios dedicados à formação, normalmente de longa duração, destinada a habilitar os militares para funções muito específicas dos QOP e tem, normalmente, certificação profissional. A sua gestão é assegurada pela DAMP/ComdPess.

Com este processo de formação o modelo tem garantida maior flexibilidade de emprego e gestão do militar, pois permite que este vá acumulando várias habilitações, ficando capacitado para desempenhar mais que um cargo.

#### 4. IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO CMDT/DIR/CH DE U/E/O

Neste modelo de formação de Praças, o Comdt/Dir/Ch tem um papel preponderante porque deve possibilitar e garantir aos seus militares a formação necessária para o desempenho de diferentes cargos, manter permanentemente informada a DAMP/ComdPess sobre a situação dos seus efectivos e respectivas qualificações, nomeadamente no que respeita à obtenção de qualificações Tipo I e à necessidade de formação do Tipo II e III e às necessidades globais de Recursos Humanos (RH) por AF e situação contratual dos seus militares. Sendo o Comdt/Dir/Ch um gestor de RH, este modelo possibilita a transferência interna de um militar de um cargo para outro, desde que tenha as qualificações necessárias para o seu desempenho, ou se não for o caso, exista a possibilidade de as obter na sua unidade, através de uma formação do Tipo I. Contudo, não pode transferir militares entre AF diferentes, sendo esta competência da responsabilidade da DAMP/ComdPess.

#### 5. O PAPEL DAS ESCOLAS PRÁTICAS

As EP, como EPR da formação Pós-CFGCPE da respectiva área, têm um papel preponderante neste sistema, funcionando como Unidade de Formação e Formadora. É Unidade de Formação porque ministra as acções de formação do Tipo I, II e III da sua área de responsabilidade, bem como as acções de formação do Tipo I da responsabilidade de outras EP, tornando-se no centro de excelência na formação dos militares RV/RC e retirando às unidades da FOPE a responsabilidade e preocupação da formação do Tipo II e III. Como Unidade Formadora é responsável pelo planeamento e coordenação das acções de formação das quais é EPR. No planeamento elabora toda a documentação de apoio às acções de formação, das quais se destacam as Publicações e os Referenciais de Curso.

O Referencial de Curso é o documento que integra de forma estruturada as componentes do processo formativo inerentes a uma solução formativa ou curso<sup>9</sup>, ou seja, operacionalizar a acção de for-

mação. Este documento (Doc) tem a finalidade de ser um referencial metodológico que facilite a implementação das acções de formação, garantindo os princípios da qualidade, da formação orientada para o cargo, da rentabilização dos meios e da certificação. Estes Referenciais de Curso são constituídos por oito documentos<sup>10</sup> interligados, que a seguir se indicam:

##### • Doc I – CERTIFICADO DE CONTROLO DO CURSO

Indica os procedimentos adequados a levar a cabo pelas U/E/O envolvidos no desenvolvimento e organização do curso.

##### • Doc II – PROPOSTA E FUNDAMENTAÇÃO DO CURSO

Visa fornecer dados importantes sobre o curso, nomeadamente, enumerando e descrevendo os parâmetros que levam à criação de um dado curso.

##### • Doc III – PERFIL DO CARGO

Tem a finalidade de apresentar uma síntese composta pelas actividades que o titular do cargo realiza, as condições de exercício da sua actividade e os resultados esperados.

##### • Doc IV – PERFIL DE CERTIFICAÇÃO

Regista as competências requeridas (pessoais, técnicas e militares) para um adequado desempenho do cargo e ainda as indicações preliminares relativas a conteúdos a considerar na formação.

##### • Doc V – ARTICULAÇÃO ENTRE PERFIL DE CARGO / PERFIL DE CERTIFICAÇÃO

Tem a finalidade de fazer a correspondência entre o perfil do cargo e o perfil de certificação, permitindo visualizar para cada competência, que capacidades deverão ser mobilizadas para cada etapa, assim como determinar os saberes de referência associados.

##### • Doc VI – PERFIL DE FORMAÇÃO

Materializa a apresentação modular da formação. É composto por dois documentos: O Plano de Estudos que contém toda a informação curricular e a Especificação da Formação que operacionaliza cada um dos módulos explicitados no plano de estudo, através da aplicabilidade da metodologia da tecnologia educativa.

##### • Doc VII – AVALIAÇÃO INTERNA

Levada a cabo no contexto de escola e incide sobre a avaliação de satisfação e pedagógica.

##### • Doc VIII – AVALIAÇÃO EXTERNA

Levada a cabo em contexto de trabalho e incide sobre a avaliação do desempenho e de competências, estes dois últimos documentos, constituem o PLANO DE AVALIAÇÃO.

#### 6. A ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA

Neste novo modelo, a Escola Prática de Cavalaria constitui-se como EPR para toda a formação de Praças nos cargos de todas as Viaturas Blindadas, de Polícia do Exército, de Atiradores Exploradores, Vigilância do Campo de Bata-

alha e de Controlo de Tumultos. Neste momento, para a formação de Praças já estão elaboradas todas as publicações de apoio. No que respeita aos cargos pelos quais a EPC é EPR, e por conseguinte responsável pela elaboração do Referencial de Curso, a situação é demonstrada no quadro abaixo.

Outra das tarefas inerente à condição de EPR é a coordenação das acções de formação. Este papel consiste em: prestar apoio técnico às unidades que vão ministrar a formação, verificar se estas acções estão a ser ministradas de acordo com os respectivos Referenciais de Curso e ser o elo de ligação com a entidade coordenadora da formação no Exército.■

Designação do Cargo	Documentos para terminar o Referencial
Apontador CC M-60 A3 TTS	Perfil do Cargo - Doc III Perfil de Certificação - Doc IV Validação Interna - Doc VII Capa de referencial Validação Externa - Doc VIII
Apontador de AMV-150	
Atirador Explorador de VBTP M-113	
Atirador Explorador de VBL V-200	
Atirador Explorador VBR M-11	
Municiador de V-150	
Municiador de M-60	
Operador de VCB	
Polícia do Exército	
Condutor de M-113 (VBTP)	
Condutor de M-60	
Condutor de VBL Rec M-11	
Condutor VBL V-150	
Condutor de VBL V-200	

Falta legenda



Instrução de Viatura Blindada de Reconhecimento "M-11".



SEDE:  
2640 - 492 MAFRA - Terreiro D. João V  
Telefs. 261811195 - 261911945  
Fax 261814832  
Email : [ccam.mafra@mail.telepac.pt](mailto:ccam.mafra@mail.telepac.pt)

MOTOR  
DO DESENVOLVIMENTO DO  
CONCELHO

# Porquê Cavalaria/GNR?

“Ser de Cavalaria não é ser melhor nem pior, é ser diferente!” No entanto, na formação dos Oficiais de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana (GNR), a diferença em relação ao curso de Infantaria resume-se apenas à equitação.

Pela análise dos quadros podemos constatar que o curso de GNR/Armas apenas tem equitação no 1º ano, sendo que nos anos subsequentes somente o curso de Cavalaria continua a receber instrução nesta área.

Mas a equitação é uma vertente da missão geral da GNR, a que poucos terão oportunidade de ficar ligados.

O que levará um Cadete, no momento da escolha (2º ano), a levantar-se e pronunciar “CAVALARIA”?

Tentou-se descobrir, através de um questionário distribuído aos 35 alunos de Cavalaria da Academia Militar, desde o primeiro ano até ao Tirocínio, este e outros pormenores sobre a escolha da Arma, tendo havido uma taxa de retorno de questionários de 100%.

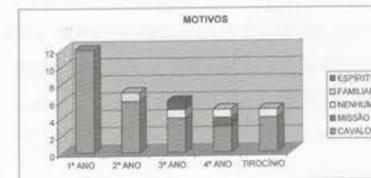
“Actual Plano de Estudos Militares 102” do Curso de Cavalaria da GNR.

CAPCav/GNR CARLOS ALMEIDA  
Academia Militar.

## Academia Militar Ciências Militares - GNR/Armas

	Tipo	Horas por Semana				UC	
		Teóricas	Práticas	T/P/L	Soma		
1º ANO	A126 Matemáticas e Estatística para as C.S.	A	2	2		4	5,5
	B401 História Militar I	2º S.	3			3	3
	B312 Geopolítica	1º S.	3			3	3
	D127 Introdução à Gestão	2º S.	2	2		4	3
	D205 Introdução às Ciências Sociais	1º S.	1	2		3	2
	D208 Metodologia da Comunicação	A			3	3	4
	D304 Introdução ao Estudo do Direito	A	3	1		4	7
	D305 Ciência Política e Dto Constitucional	A	2	1		3	5
	L101 Inglês I	A			3	3	4
						0	
T401 Preparação e Treino Militar I	A			4	4		
T301 Treino Físico I	A			5	5		
T501 Equitação (Cav/Inf)	A			1	1		
				1ºS/2ºS	33/34	36,5	
2º ANO	A301 Topografia I	1º	2	2		4	3
	B103 Tática Geral e Operações Militares I	1º	3			3	3
	B104 Tática Geral e Operações Militares II	2º	3			3	3
	B402 História Militar II	2º	3			3	3
	D209 Metodologia das Ciências Sociais	2º	1	2		3	2
	D233 Psicossociologia das Organizações	1º	2	2		4	3
	D306 Direito Administrativo	A	3	2		5	7,5
	D309 Direito Comunitário	2º	3			3	3
	D322 Direito Fiscal	1º	3			3	3
	L102 Inglês II	A			3	3	4
					0		
T402 Preparação e Treino Militar II	A			3	3		
T302 Treino Físico II	A			5	5		
T502 Equitação II (Cav)	A			2	2		
				1ºS/2ºS	36/37	44	
3º ANO	B105 Org. das Forças e Svc. Segurança	2º	2	1		3	3
	B106 Logística	2º	3			3	3
	B107 Organização do Terreno	1º	3			3	3
	B137 Tática da GNR I	2º	2	1		3	2,5
	B203 Elementos de Armamento	1º	2	2		4	3
	B223 Sistemas de Armas da GNR e Tiro	2º	2	2		4	3
	B403 Relações Internacionais	1º	3			3	3
	D114 Noções de Economia	2º	1	2		3	2
	D128 Gestão de Recursos Humanos	1º			4	4	3
	D234 Sociologia Militar	2º	4			4	3
D317 Direitos Fundamentais	1º	3			3	4	
D325 Direito Penal	A	3	2		5	7,5	
L103 Inglês III	A			3	3	4	
					0		
T403 Preparação e Treino Militar III	A			3	3		
T303 Treino Físico III	A			5	5		
T503 Equitação III (Cav*)	A			2	2		
				1ºS/2ºS	36/37	44	
4º ANO	B138 Tática da GNR II	1º	2	1		3	2,5
	B211 Transmissões e Guerra Electrónica	2º	2		1	3	3
	B305 Elementos de Estratégia	2º	3			3	3
	B313 Ética e Liderança	1º	3			3	3
	D216 Sociologia Policial	A	3			3	6
	D307 Direito Castrense	2º	2	1		3	2,5
	D321 Medicina Legal	2º	1		3	4	3
	D323 Criminalística	A	1	2		3	3,5
	D326 Direito Processual Penal	1º	3	1		4	3,5
	D327 Direito de Ordenação Social	A	2		2	4	7
L104 Inglês IV	A			2	2	3	
					0		
T404 Preparação e Treino Militar IV	A			3	3		
T304 Treino Físico IV	A			3	3		
T504 Equitação IV (Cav*)	A			3	3		
				1ºS/2ºS	32/34	40	
5º ANO *	Tirocínio para Oficial				30	30	
				1ºS/2ºS	30/30	30	

## 1. OS MOTIVOS



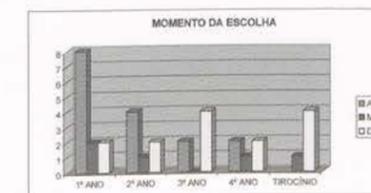
Pela análise simples do gráfico, é fácil retirar que o grande motivo para que a escolha recaia em Cavalaria tenham sido os cavalos, ou seja, a grande maioria dos Cadetes, independentemente do ano que frequentam, têm um gosto especial pela equitação, e nalguns casos paixão pelos cavalos, sendo que haja quem no momento da escolha não coloque sequer outra possibilidade.

Curioso é o facto de dois Cadetes, um do 3º e outro do 4º ano, e um Aspirante não terem apresentado qualquer motivo para a sua escolha. Justificam a sua opção com o desejo de viver novas experiências.

Os restantes apresentam motivos familiares, o tipo de missão e o “espírito” da Arma, para a sua escolha. Foram também referidos motivos secundários como por exemplo: as tradições da Cavalaria, o ser diferente e finalmente o prestígio de que goza a Arma de Cavalaria.

## 2. O MOMENTO DA ESCOLHA

Existe um momento na vida desses Cadetes em que têm de tomar uma decisão, que irá



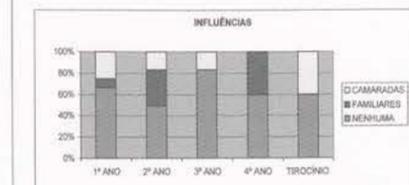
condicionar e marcar de forma indelével toda a sua vida profissional: o momento da escolha.

A maioria tomou-a “Antes de Ingressar na Academia Militar” (A.I.A.M), que poderão ser considerados os verdadeiros “convictos”. Houve quem tomasse a decisão no “Momento do Ingresso na Academia Militar” (MIAM), nas palavras de alguns; e “Quando preenchiam os impressos”. Os outros foram “moldados” pelas experiências vividas no decorrer dos primeiros tempos de Academia, até tomarem a decisão definitiva, ou seja “Depois de Ingressar na Academia Militar” (DIAM).

## 3. INFLUÊNCIAS

Quando se tem de tomar decisões importantes, tenta-se recorrer à experiência dos mais velhos ou mais antigos, ou pura e simplesmente coloca-se a razão de parte e deixa-se levar pelo coração.

O cavalo e a equitação são os dois factores grandemente responsáveis pela tomada de decisão. Mas será que sofrem influências de outra índole?



De acordo com os resultados, verificamos que os Cadetes da AM não são facilmente influenciáveis, visto que a maioria não foi influenciada na sua escolha. Não obstante, alguns seguiram os conselhos de familiares e amigos e outros de camaradas mais antigos, sendo que alguns destes são Oficiais de Cavalaria.

## 4. ARREPENDIDOS?

Se alguns dos Cadetes, por força dos conselhos de camaradas mais velhos, tinham uma noção, ainda que ténue, do que era ser de Cavalaria, outros há que deram um tiro na maior escuridão. Mas os resultados são surpreendentes quanto à possibilidade de existirem arrependidos. De todos os Cadetes/Aspirantes inquiridos, apenas UM (4º ano) afirma ter-se sentido demasiadas vezes arrependido, à medida que vai recolhendo informação sobre o assunto. O próprio afirma sentir-se desapontado, pelo facto de não existirem diferenças entre os Oficiais de Cavalaria e de Infantaria em termos de funções que ambos desempenham na generalidade das Unidades da GNR. Quanto à esmagadora maioria, não só não está arrependida como reforçou a sua convicção, referindo mesmo que não se imaginam parte de outra Arma, que não a de Cavalaria.

## 5. EQUITAÇÃO NA AM

Sendo no essencial a prática da equitação que distingue os cursos de Cavalaria e Infantaria da GNR e dada a importância que os Cadetes atribuem a esta actividade, será importante conhecer qual a sua opinião sobre a instrução de equitação na AM.



De uma forma geral, a esmagadora maioria dos inquiridos considera que a equitação na AM,



campo de batalha, a equitação era vista como fundamental. No entanto, ainda hoje é inquestionável o valioso contributo da equitação para a formação dos futuros oficiais, melhorando as suas qualidades físicas, como a flexibilidade e a coordenação, e psicológicas, como a coragem e a decisão.

Actualmente, apesar da GNR utilizar este meio no serviço operacional, a equitação é encarada por alguns (não só Cadetes) como um *hobby*, uma actividade circum-escolar, que depois de acabar o curso é posta de parte e recordada com saudade.

Mas este sentimento tem de ser revisto e o enorme potencial das forças a cavalo tem de ser bem aproveitado. O futuro da Cavalaria a cavalo da GNR passa cada vez mais pela utilização dos solípedes no serviço operacional. Deverá, no entanto, conservar a vertente

honorífica, ainda que de uma forma subsidiária.

Os baixos resultados, em termos estatísticos, do patulhamento a cavalo estão directamente relacionados com as características deste tipo de força. As patrulhas a cavalo têm dificuldades em executar detenções, em fiscalizar viaturas ou estabelecimentos. Mas a mais valia das patrulhas montadas reside, entre outras, na sua facilidade em actuar no meio de multidões, na superior possibilidade de observação que confere ao militar e na sua enorme capacidade de dissuasão, pelo impacto (positivo) que causa junto da população em geral. Todos estes factores não são objectivamente contabilizáveis ou mensuráveis em termos de autos, apreensões, ou detenções efectuadas. Assim, a produtividade das forças a cavalo não pode ser

analisada somente à luz de estatísticas e da frieza dos números. Tem de ser encarada como uma mais valia, complementar das demais forças, que concorre para o cumprimento da missão geral da GNR. Consequentemente, a Arma de Cavalaria na GNR não pode nem está em declínio, apenas porque atravessa um processo de adaptação às novas exigências do mundo moderno, de forma a maximizar todo o seu potencial.

De facto vivem-se tempos de mudança, mas que se dependerem da motivação e vontade de andar **“para diante”** da maioria dos Cadetes, que se encontram neste momento a frequentar a AM, a Arma de Cavalaria na GNR jamais passará para segundo plano. Basta apelar à capacidade de adaptação e ajustá-la às novas necessidades da GREI. ■

## Livro

# “A psicologia da incompetência dos militares”

DIXON, Norman— *A psicologia da incompetência dos militares*. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 2005. ISBN 972-20-2728-X. 437 pp.

As Publicações Dom Quixote lançaram em Junho deste ano a 2ª edição da obra “A psicologia da incompetência dos militares”. A 1ª edição tinha sido editada em Novembro de 1977 e, pelos vistos, justificou agora uma segunda edição.

O título – admitamos – é ofensivo, pois faz querer que todos os militares serão incompetentes, mas não é disso que se trata. Por esta razão o próprio autor justifica-se, logo no início da nota prévia, que “este livro não é um ataque às forças armadas ou à grande maioria dos altos comandos militares que, comparativamente, fariam parecer brincadeira de crianças a direcção duma grande empresa industrial” mas tão-somente, como prossegue o autor, “uma tentativa para explicar como uma minoria de indivíduos consegue infligir nos seus semelhantes infelicidade e sofrimento profundos, virtualmente desconhecidos noutros sectores da vida”. A questão da incompetência não se limita aos militares, o facto é que a incompetência de um militar que ocupe um alto cargo na condução de operações militares num teatro de operações pode causar danos, geralmente traduzido em perdas de vidas humanas, que nenhum outro cargo noutro empreendimento político ou empresarial provocaria.

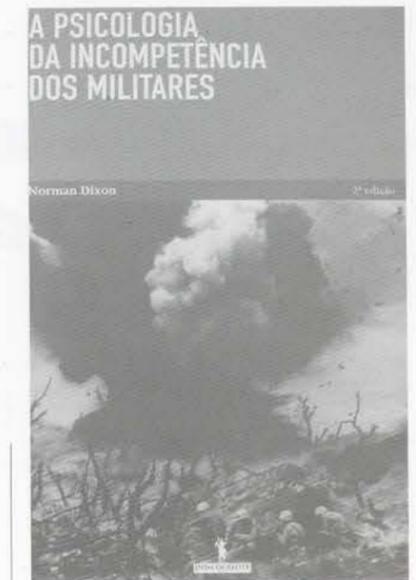
O livro está organizado em três partes. A primeira, o autor, por recurso a um conjunto de casos históricos de “insucesso militar” ou de “inécia mili-

tar”, procura levar o leitor a identificar o denominador comum manifesto nestes acontecimentos. Dixon transporta-nos a cerca de 13 desses acontecimentos espalhados num intervalo de cem anos, em que o evento mais longínquo é a Guerra da Crimeia (1853-1856) até ao desastre francês em Dien Bien Phu (1953), situado num vale do Vietname do Norte. No meio percorre-se a Guerra dos Bóeres e outras batalhas da 1ª e 2ª guerras mundiais, entre outras.

Na segunda parte, subdividida por sua vez em duas, o autor procura discutir e explicar os fenómenos. A primeira está relacionada com a psicologia das organizações militares, e a segunda com a psicopatologia dos chefes militares que foram protagonistas dos insucessos tratados nas batalhas anteriormente referidas.

Na terceira e última parte o autor debruça-se sobre o outro lado da moeda, o sucesso. Para isso percorre alguns comandantes de cuja competência tem havido acordo completo, como por exemplo: Wellington, Napoleão, Nelson, Slim, Rommel, só para citarmos alguns.

Cada uma das partes do livro desperta interesses e raciocínios diferentes ao leitor. Os insucessos militares a que o autor nos transportou ao longo de cem anos e de quase duas centenas de páginas estão bem articulados e é com facilidade que acabamos por concordar com os traços comuns da incompetência militar que o autor identificou, citando só alguns e como exemplo: o “conservadorismo e apego a tradições ultrapassadas”, a “tendência para rejeitar ou ignorar informações desagradáveis”, “indecisão”, “confiança na força bruta em vez de confiar na astúcia”, “supressão ou distorção de notícias”, ou ainda, a “crença nas forças místicas” (pp. 194-195). Estes traços comuns



são o ponto de partida para a segunda parte do livro no qual o autor, por via de um conjunto alargado de conceitos e teorias de psicologia, tenta explicar a “incompetência militar”. Nesta parte o autor está no seu próprio ramo científico, a psicologia experimental, e por isso a sua leitura não deixa de, nalgumas ocasiões, fazer despertar um sorriso de espanto. Contudo, a mensagem que fica é clara: a incompetência militar não tem tanto a ver com a incapacidade da inteligência, mas sim com a inadequação da personalidade. Tudo isto pode ser agravado pela própria organização militar que, em tempo de paz, tende a valorizar a obediência cega, a normalização de procedimentos, conduzindo a uma repressão da iniciativa e do pensamento independente. Por isso mesmo, na terceira parte, Norman Dixon examina a tese de que os bons generais diferem dos maus, não na idade, cor ou inteligência, mas no grau pelo qual são capazes de resistir à psicopatologia das organizações que servem.

Pode-se não concordar com a abordagem feita por este psicólogo (que antes de o ser foi oficial da *Royal Engineers*), mas a leitura de “A psicologia da incompetência dos militares” para além de ser simpática é, acima de tudo, um exercício de humildade profissional recomendável não só a militares mas a todos aqueles que no seu exercício profissional abraçam a gestão de poder (na ideia de possibilidade de imposição da sua vontade sobre os outros e sobre o curso das acções) em instituições hierárquicas. ■

MAJCav Miguel Freire  
CMPR.

**Desenhamos novos caminhos...**

O Instituto Geográfico do Exército (IGeoE) concebe e produz informação geográfica, alicerçada numa experiência e tradição de mais de 70 anos, de acordo com os mais elevados padrões internacionais de qualidade, precisão e rigor.

A informação geográfica produzida pelo IGeoE é cada vez mais imprescindível a todos quantos necessitam de dados georeferenciados actualizados, consistentes e fiáveis, no apoio a projectos nas áreas do Planeamento, Gestão e Ordenamento do Território, da Investigação e do Ensino, ou ainda em actividades recreativas ou de lazer.

...com o saber do passado

**Instituto Geográfico do Exército**

Av. Dr. Alberto Simões • 1049-016 LISBOA  
Tel. +351 21 850 53 00 • Fax +351 21 853 21 19  
E-mail: igeo@igeoe.pt • Web: www.igeoe.pt

**www.igeoe.pt**

desporto & lazer  
MapAdventure  
Escala 1:25.000

fotografia aérea  
Ortofotocartas  
Imagem de satélite

informação geográfica  
IGeoE-SIG  
VMap  
MDTs

cartografia clássica  
Cartas Militares  
Mapas de Estradas

desconto 50% para militares

O mais conciliado  
Portugal Digital de Portugal  
com a cartografia do Instituto  
Geográfico do Exército!

## Livro

# "Rules of Engagement. A life in conflict London."

COLLINS, Tim – Rules of Engagement. A life in conflict. London: Headline Book Publishing, 2005. ISBN 0 7553 1374 7. 406 pp.

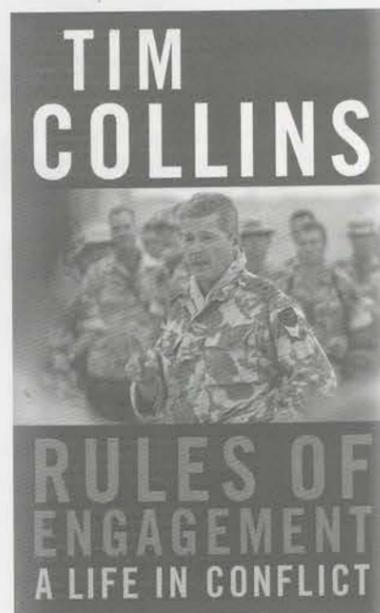
No início da Guerra do Iraque em 2003, muitos dos leitores da Revista da Cavalaria ter-se-ão cruzado com uma notícia sobre um discurso de um Tenente-coronel, comandante de um *battlegroup* britânico, endereçado aos seus homens no deserto do Kuwait a 20 quilómetros da fronteira com o Iraque, pouco antes do início do ataque a 19 de Março. Através dos jornalistas que acompanhavam esta unidade britânica, o discurso acabou por correr o mundo e transformar-se numa imagem da postura dos militares (pelo menos britânicos) neste início de guerra tão controverso e polémico (para quem não conhece o discurso, aconselha-se uma ida a <http://journal.dajobe.org/journal/2003/03/collins/>).

*Rules of engagement. A life in conflict.* é o testemunho desse Tenente-coronel, Tim Collins, comandante do 1º Batalhão do *Royal Irish Regiment*. Um prólogo de pouco mais de uma página, deixa-nos antever que o livro não se trata de um hino às virtudes militares mas

de alguém que esteve sozinho na defesa de acusações por crimes de guerra.

Tim Collins inicia esta viagem em Agosto de 2000 quando estava colocado no *Headquarters of the Director of Special Forces* e acompanha uma operação para resgatar militares britânicos sequestrados por rebeldes na Serra Leoa. O caso tem interesse já que se trata de militares que pertencem à unidade que dentro em breve iria comandar: o 1º Irish, um Batalhão de Infantaria pertencente à 16 *Air Assault Brigade* (unidade de elite de intervenção rápida que tem outros batalhões pertencentes ao *Parachute Regiment*). Depois, ao longo das quase quatrocentas páginas do livro, acompanhamos primeiro o comando do Batalhão, numa comissão de seis meses na Irlanda do Norte, e de seguida na operação militar da invasão do Iraque em Março de 2003, até à capitulação final do regime de Saddam Hussein.

O interessante deste livro é que se focaliza na perspectiva "muito militar" de toda esta experiência de quase quatro anos. Quer-se com isto dizer que não se encontra grande reflexão filosófica sobre a moralidade desta guerra em particular, ou das exigências de comando de homens neste velho ofício de fazer a guerra. Aliás, sobre a primeira questão, Tim



Collins refere-nos uma frase simples: "*I resolved in my own mind that we were on the right side*". Também interessante neste livro é a concentração, numa escrita leve, nos assuntos militares: a preocupação no treino da unidade, a procura da coesão, a reflexão sobre um estilo de liderança que se reflectia numa postura da própria unidade, o relacionamento com os seus pares americanos e, finalmente, a incompreensão face a uma parte do Exército britânico que parecia esquecer a realidade do combate.

Trata-se de um livro de leitura obrigatória para Oficiais Capitães e Oficiais Superiores, já que dá uma visão profissional – e honesta – do comando de uma unidade de escalão Batalhão nas complexas operações de guerra e não-guerra. É um testemunho vivido de uma liderança pró-activa e de quem gosta da profissão, mas que acabou, paradoxalmente, envolvido num imbróglio sem sentir o apoio da instituição que servia. ■

MAJ Cav Miguel Freire  
CMPR.

## Livro

# "A Transformação da Defesa"

Telo, António José, et al., – A Transformação da Defesa. Lisboa: Prefácio, 2006. ISBN 972-8816-86-3. 157 pp.

A obra "A Transformação da Defesa" surgiu no âmbito de uma iniciativa da Academia Militar de reconstituir a história de Portugal nas paredes e corredores dos seus edifícios. Como refere no prefácio o TGEN Carlos Alberto de Carvalho dos Reis, "*A Transformação da Defesa* é dedicado a um período de permanentes mutações ocasionadas pelo ruir abrupto de conceitos progressivamente desenvolvidos e consolidados nas primeiras décadas do século XX e que no curto espaço de 10 anos passaram à história." A obra está organizada em duas partes:

- A 1ª parte reúne quatro textos de carácter científico. O primeiro, da autoria do Professor António José Telo, aborda historicamente a origem e as fases da transformação da defesa dos Estados Unidos da América e reflecte sobre os desafios actuais para as Forças Armadas Portuguesas. O segundo trata o mesmo conceito mas na óptica da Organização do Tratado do Atlântico Norte e também da União Europeia, com destaque para o Reino Unido, França, Alemanha e Itália e é da autoria do MAJ Inf Manuel Alexandre Carriço. O terceiro é um texto colectivo escrito pelo TCOR Art Carlos Fonseca, TCOR Tm Carlos Ribeiro e TCOR Art Carlos Mendes Dias, onde se observa uma descrição detalhada das missões multinacionais, passando pela cooperação técnico-militar com os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, até às outras missões de interesse público. O quarto e último artigo diz respeito à Guarda Nacional Republicana cujos autores são o TCOR Inf/GNR Carlos Gervásio Branco e o TCOR Inf/GNR António Mendes de Oliveira.

- A 2ª parte apresenta o projecto expositivo sobre essa temática, desenvolvido pela Academia Militar e sob a coor-

MAJ Cav Miguel Freire  
CMPR.

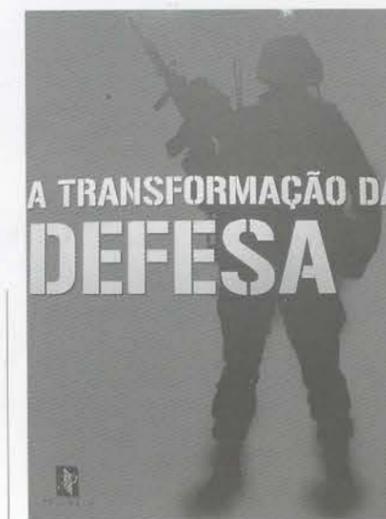
denação do TCOR Cav Francisco Amado Rodrigues, cujos objectos recolhidos e seleccionados testemunham parte da acção dos militares e das Unidades do Exército e da GNR.

A obra, pela pertinência e actualidade do tema, levanta alguns pontos de reflexão. Seria mais estimulante que ao longo de toda a obra se tivesse mantido a abordagem frontal, perceptível no capítulo I, dos verdadeiros desafios que se deparam às Forças Armadas e ao Exército. Por outro lado, o capítulo que a Portugal diz respeito, escrito por Oficiais do Exército, acaba por não corresponder ao tema sugerido pelo seu próprio título, nomeadamente:

- uma abordagem demasiado centrada na componente terrestre. A iniciativa é da Academia Militar e os autores são Oficiais do Exército, mas escrever um capítulo com o título de "Portugal e a transformação da defesa", privilegiando esta componente, é limitador na abordagem integrada que deveria constituir a mensagem da obra, e da parte da exposição a montar nos corredores da Academia Militar;

- embora seja importante a informação factual de efectivos, missões e "tecnologia", os autores dedicaram pouca atenção a outros aspectos determinantes. Como é percebido nos capítulos anteriores são também importantes os "processos", a "organização" e os "meios humanos". Por exemplo, importava saber, a par dos números das missões de paz, como evoluiu o corpo doutrinário que sustenta o aprontamento e emprego das Forças Nacionais Destacadas? como acompanhou o dispositivo e o sistema de forças a redução de cerca de 56,25% do efectivo do Exército?; com a profissionalização do Exército como evoluiu a formação de oficiais, sargentos, mas principalmente das praças?.

- "A Directiva para a Transformação" de S. Exª o Gen CEME foi divulgada em Outubro de 2003 e o texto em apreço terá sido terminado em finais de 2005, ou seja, já tinham decorrido cerca de dois anos, o que implicaria não tanto uma atitude factual e descri-



tiva mas outra mais analítica e avaliativa. Se os "textos inseridos representam a opinião dos autores e não reflectem necessariamente uma visão institucional", então estavam criadas as condições para essa análise. Uma abordagem académica exigente baseada na investigação não será porventura resistência à mudança nem ameaça a decisões já tomadas, mas tão somente um exercício profissional importante para a realização, em conjunto, do processo de transformação.

"A Transformação da defesa" representa mais uma etapa na consolidação da dinâmica de investigação da Academia Militar. Trata-se, pois, dum aspecto particularmente importante já que, infelizmente, a sociedade civil portuguesa padece em investigação e análise no domínio da segurança e defesa, principalmente no particular da defesa militar, ou seja, nas forças armadas. Este facto empobrece o debate, porquanto os principais interlocutores acabam sempre por ser, maioritariamente, militares. Os estabelecimentos de ensino superior militar, como a Academia Militar, o Instituto de Estudos Superiores Militares e também – embora numa outra vertente – o Instituto de Defesa Nacional, são instituições estruturantes e catalizadoras para uma sociedade civil que se pretende participativa também nestes domínios. Esta obra, como projecto académico composto por civis e militares, é pois um valioso contributo na tarefa de dinamizar a investigação nesta área do conhecimento e, embora pensada primariamente para os Cadetes-alunos da Academia Militar, constitui-se numa excelente referência para quem se debruça profissionalmente sobre estes assuntos. ■

## Swarming: uma nova forma de tumulto

Tendo em conta os acontecimentos subversivos dos últimos tempos, apresenta-se um conceito chamado *Swarming*<sup>1</sup>. Este termo, embora ainda pouco conhecido porque identifica uma conceptualização doutrinária recente, traduz a aplicação de três princípios clássicos da guerra: *massa*, *simplicidade* e *surpresa*, no ambiente operacional contemporâneo.

Ao traduzirmos para português, *swarm* significa enxame, que é um interessante ponto de partida para este estudo. Se um indivíduo for picado por abelhas de um enxame, uma de cada vez durante um largo período de tempo, será doloroso mas ainda assim sobreviverá. No entanto, se todo o enxame atacar em simultâneo o mesmo indivíduo, as consequências serão fatais.

Concluimos com este exemplo da natureza que a aplicação conjunta do potencial de combate das abelhas num mesmo instante é superior ao somatório da actuação de cada uma delas durante um largo período de tempo.

Este conceito vem proporcionar uma nova forma de actuação àqueles que executam um processo

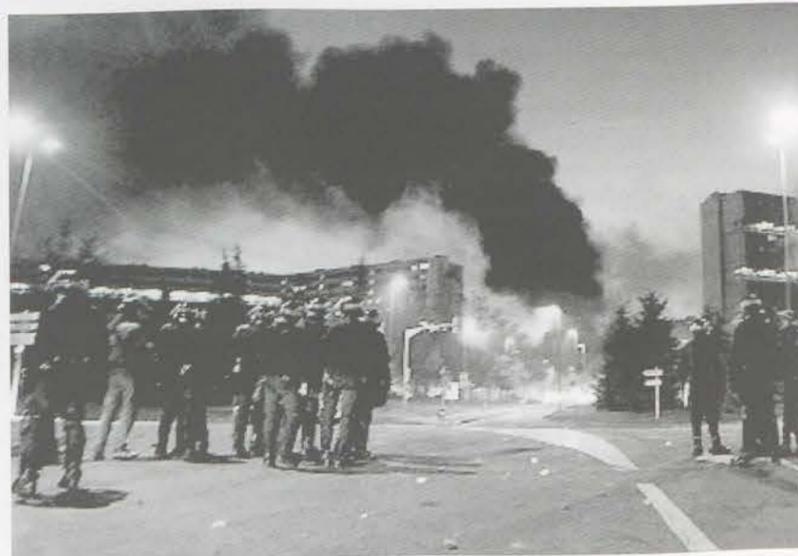
subversivo. Se os seus meios individualmente não são capazes de proporcionar o potencial de combate necessário para enfrentar os poderes formais instituídos, a sua concentração segundo os princípios da massa, simplicidade e surpresa pode proporcionar um instante de superior potencial de combate que irá alterar o resultado final da campanha.

Esta forma de comando e controlo dos meios operacionais constitui um processo eficaz de conduzir uma guerra assimétrica, aplicando por curtos períodos de tempo um potencial de combate superior num ponto decisivo, afectando o desenrolar global da operação. Podem ser dados alguns

exemplos da aplicação deste conceito: a convocação de centenas ou milhares de indivíduos para um mesmo local, via *SMS* ou através de um ou mais *sites* na internet.

Na realidade, foi a aplicação desta conceptualização que ocorreu nos distúrbios em Paris no início do mês de Novembro de 2005 contra a discriminação racial, e nas manifestações contra a publicação das caricaturas representando o profeta Maomé em alguns jornais europeus, ou ainda em muitos dos ataques efectuados contra militares da coligação no Iraque.

É necessário perceber como se pode impedir esta actuação, e esse objectivo só será possível perce-



Controlo de Tumultos em França.

TENCav Pedro Ferreira  
Regimento de Lanceiros N.º 2.

bendo o *modus operandi* desta ameaça. Para tal, identifica-se desde já um possível ciclo de *swarming*. Este ciclo apoia-se na aplicação de três princípios nas duas fases de reunião e dispersão:

**1. FLUIDEZ**, conseguida através do princípio da *simplicidade*. Sendo os planos simples e as ordens claras e concisas, obtém-se uma maior rapidez de deslocação para a reunião dos elementos e melhores tácticas de recuo e “invisibilização” na dispersão, iludindo o inimigo;

**2. MASSA**, através da concentração local de um potencial de combate superior na fase da reunião;

**3. SURPRESA**, através de um correcto planeamento que proporcione a iniciativa e a execução da operação numa posição de maior Comando e Controlo, reunindo e retirando sem que as forças da ordem tenham um pré-aviso.

O estudo deste ciclo permite perceber que esta táctica é impressionante pela forma como consegue alcançar, num determinado local e instante, uma situação de supremacia no que respeita ao potencial de combate. Foi também claro nos tumultos que se observou em França, que tão rapidamente como



Fase de dispersão.

surgia uma manifestação num determinado local, também se dissolvia, desaparecendo os elementos agitadores para actuarem mais tarde noutro local. No entanto, o não cumprimento de um dos três princípios já referidos resulta na quebra do ciclo e conseqüentemente no fracasso de toda a operação, sendo este o ponto fraco a ser explorado.

Por exemplo: por vezes não será possível detectar atempadamente a formação do tumulto, mas será possível impedir a sua total dispersão, permitindo capturar líderes subversivos.

Como conclusão desta análise sobre os novos tumultos, que a articulação entre os serviços de informações e as unidades têm de lidar fisicamente com os elementos agitadores, terá de ser feita no

sentido de quebrar o ciclo de *swarming*. Será muito importante para as nossas Forças Nacionais Destacadas (FND) familiarizarem-se com este conceito, porque tudo indica que será cada vez mais comum nos cenários onde as FND actuam. A formação de controlo de tumultos ministrada pela Polícia do Exército já contempla o combate a muitas das características destes tumultos. No entanto, também a sua doutrina deverá prever o combate a esta forma mais organizada e mais perigosa.■

#### FONTES

Fonte (das imagens): [www1.folha.uol.com.br](http://www1.folha.uol.com.br)

#### NOTAS

<sup>1</sup> A escrita desta secção tem origem numa conversa com o Professor Doutor Armando Marques Guedes, Presidente do Instituto Diplomático, no dia 9 de Fevereiro de 2006.



SEDE:  
2640 - 492 MAFRA - Terreiro D. João V  
Telefs. 261811195 - 261911945  
Fax 261814832  
Email : [ccam.mafra@mail.telepac.pt](mailto:ccam.mafra@mail.telepac.pt)

MOTOR  
DO DESENVOLVIMENTO DO  
CONCELHO



## Escola Prática de Cavalaria

### EXÉRCITO NO II SALÃO INTERNACIONAL DO CAVALO DE DESPORTO

O Exército Português marcou presença no II Salão Internacional do Cavalo de Desporto com um stand de divulgação e com a apresentação do "Carrossel Equestre de Obstáculos da EPC".

O II Salão Internacional do Cavalo de Desporto decorreu de 20 a 22 de Janeiro de 2006 no Centro Nacional de Exposições e Maquinaria Agrícola, em Santarém. Com um programa muito diversificado, o certame incluiu diversas provas hípias integradas na III Taça Ibérica, às quais concorreram os melhores e mais prestigiados conjuntos portugueses e espanhóis da actualidade. Durante os três dias do Salão passaram pelo CNEMA mais de 13000 pessoas de todas as idades.

O Exército Português esteve presente com o objectivo de divulgar as suas missões, tarefas, áreas funcionais, etc., no sentido de promover o conhecimento das Forças Armadas e do Exército e de contribuir para o esforço de captação de voluntários. Para o efeito montou-se um stand de divulgação num local de grande visibilidade, que foi visitado e largamente apreciado por centenas de pessoas a quem foi dada a oportunidade de estabelecer contacto directo com equipamentos e armamentos, incluindo a viatura blindada de reconhecimento M11, bem como a visualização de vídeos e de outro material promocional disponibilizado pela Direcção de Recrutamento.

Numa exibição no dia 21 de Janeiro, à qual assistiram perto de um milhar de pessoas, o "Carrossel Equestre de Obstáculos da EPC", composto por oito conjuntos, executou diversos exercícios, com destaque para os cruzamentos sobre obstáculos e saltos em linha, em que o dinamismo, o risco e a emoção estiveram sempre presentes.

No conjunto, a participação do Exército Português num certame com grande impacto interno e externo como é o II Salão Internacional do Cavalo de Desporto, permitiu transmitir uma imagem de grande modernidade, credibilidade e coragem física do Exército e dos militares que nele servem.

### TÁCTICA DE CARROS DE COMBATE



No âmbito da instrução de Tática de Carros de Combate aos cursos do TPO e 33º CFS, decorreu no CMSM no período de 10 a 17 de Fevereiro o exercício SABRE 06. Com a realização deste exercício ficou concluído este bloco de matéria que tem como objectivo habilitar os Aspirantes Tirocinantes e os Sargentos Alunos para o desempenho das funções de Comandante de Pelotão de CC e de Sargento de Pelotão e Comandante de Secção de CC, respectivamente.

Neste exercício os alunos planearam e executaram as seguintes tarefas: preparação para operações em aquartelamento, deslocamento tático e ocupação de ZRn, marcha para o contacto, assalto a uma posição In e ocupação e defesa de uma posição de combate.

A EPC contou com o apoio e colaboração da BMI, em especial do Grupo Carros de Combate, que disponibilizou, entre outros meios um Pelotão de CC, para que este bloco de matéria dirigido aos futuros Oficiais e Sargentos da Arma de Cavalaria atingisse os seus objectivos.

### EXPOSIÇÃO NA ESCOLA SECUNDÁRIA MARQUESA DA ALORNA EM ALMEIRIM

De 2 a 4 Março de 2006 realizou-se na Escola Secundária Marquesa da Alorna, em Almeirim, a primeira feira de Mostra de Ofertas e Oportunidades de Integração Escolar (INTEGRAL), visando proporcionar aos estudantes deste distrito uma visão global das ofertas de trabalho actualmente disponíveis.

Com o objectivo de divulgar e promover o conhecimento sobre as suas actividades, o Exército Português esteve representado pela Escola Prática de Cavalaria (EPC), que em colaboração com a Direcção de Recrutamento montou um stand de divulgação e fez deslocar para o local uma viatura de reconhecimento de rodas M-11 PANHARD e uma classe de volteio a cavalo.

Verificou-se uma grande afluência de estudantes com idades compreendidas entre os 13 e os 17 anos, os quais puderam contactar mais directamente com as oportunidades que o Exército Português lhes pode proporcionar e os novos incentivos à prestação de serviço militar em RV/RC. Esta exposição permitiu aos estudantes tirar algumas dúvidas sobre o modo de concorrer à Academia Militar e a possibilidade de continuar os estudos sendo militar em RV/RC.

### EXÉRCITO NA EXPO-CRIANÇA

Com o objectivo de divulgar e promover o conhecimento da Instituição Militar, o Exército Português, representado pela Escola

Prática de Cavalaria (EPC), marcou presença com um Stand de divulgação na Expo-Criança, que decorreu no Centro Nacional de Exposições e Mercados Agrícolas (CNEMA) em Santarém. Ainda que especialmente dirigida aos mais novos, a Expo-Criança é uma Exposição vocacionada para todas as idades, onde se divulgam as mais diversas actividades de ocupação de tempos livres, empresas, associações e representações das Forças de Segurança e das Forças Armadas.

O stand de divulgação do Exército foi visitado e largamente apreciado por centenas de crianças e adultos a quem foi oferecido material promocional disponibilizado pela Direcção de Recrutamento, bem como foi dada a oportunidade de estabelecer contacto directo com equipamentos, designadamente entrando na viatura blindada de reconhecimento M11, ou visualizar vídeos sentados em arceiros. As crianças de hoje serão os futuros soldados no amanhã do nosso Exército.

### XXII CONCURSO NACIONAL COMBINADO.



A Escola Prática de Cavalaria (EPC) realizou, nos passados dias 17 e 18 de Março, o seu XXII Concurso Nacional Combinado (CNC), presidido pelo Director Honorário da Arma de Cavalaria, Tenente General Velasco Martins, destinado a cavaleiros militares do Exército e da GNR, alunos da Academia Militar e dos Estabelecimentos Militares de Ensino e civis convidados.

O CNC da EPC é herdeiro do Campeonato do Cavalo de Guerra, cujo regulamento, aprovado por portaria de 20 de Maio de 1904, estabelece nas suas primeiras linhas que "Sendo de toda a conveniência para o desenvolvimento da instrução equestre dos oficiais e aperfeiçoamento das raças cavallares, que se estabeleça um campeonato annual do cavalo de guerra, determina Sua Magestade El-Rei que dos trabalhos finais da escola pratica de cavallaria, de que trata o artigo 42º do respectivo regulamento, passe a fazer parte uma serie de provas..."

Foi com o espírito cavaleiro de sempre que a EPC realizou o seu XXII CNC, que contemplou duas séries. Nelas participaram 74 conjuntos, sendo 38 na 1ª série (Iniciação) e 36 na 2ª série (Preliminar).



## Regimento de Lanceiros nº 2

### TOMADA DE POSSE DO NOVO CMDT DO 2ºESQUADRÃO DE POLÍCIA DO EXÉRCITO

Decorreu em 12Jan06, no Regimento de Lanceiros Nº2, a tomada de posse do novo Cmdt do 2ºEsquadrão de Polícia do Exército, pelo TEN RC PE Rui Gomes.

A cerimónia realizou-se na parada Marechal Carmona.

### CERIMÓNIA DE ENTREGA DE LOUVORES E IMPOSIÇÃO DE CONDECORAÇÕES

Decorreu no dia 18Jan06, durante a Formatura Regimental, a cerimónia de entrega de Louvores e imposição de Condecorações.

### PROMOÇÕES DE MILITARES DO RL2

Em 26Jan06 foram promovidos os seguintes militares do RL2:

- Nuno Lourenço Alvares Alves de Sousa, a Major de Cavalaria;
- Natividade Silva, a Sargento Chefe de Cavalaria;
- Hélder Manuel Nabais Andrade, a 2º Sargento RC PE.

### COMEMORAÇÃO DO 173º ANIVERSÁRIO DA CRIAÇÃO DO REGIMENTO DE LANCEIROS Nº2



Em 07 de Fevereiro de 2006, o Regimento de Lanceiros Nº2 comemorou o 173º aniversário da sua criação.

Sendo o Regimento a "Casa Mãe" da Polícia do Exército, onde se ministram vários estágios complementares de PE aos cursos de Oficiais e Sargentos, pretendeu-se que as diferentes actividades e cerimónias desta efeméride tivessem uma maior abrangência possível dentro da família dos Lanceiros.

Presidiu à cerimónia sua Exª o Governador Militar de Lisboa, Tenente General Almeida Martins. O RL2 contou também com a presença de todos os seus militares e de representantes militares pertencentes às dife-

rentes Unidades de Polícia do Exército espalhadas pelo País.

Na sequência das cerimónias decorreram demonstrações de actividades militares do âmbito da Polícia do Exército.

No final da cerimónia militar as entidades presentes efectuaram uma visita ao Museu do RL 2, seguindo-se um almoço no Refeitório das Legendas que propiciou a sã camaradagem e convívência entre todos os Lanceiros.

### DIA INTERNACIONAL DA MULHER

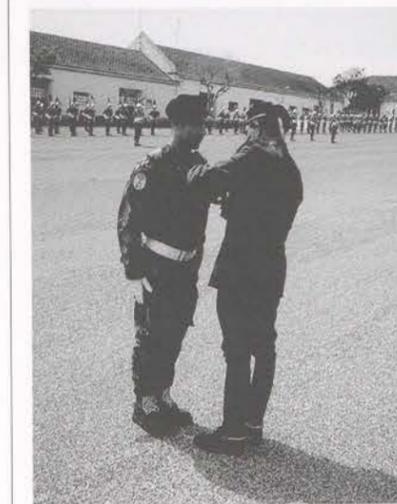
Realizou-se no Regimento de Lanceiros Nº2, no dia 07Mar06, um Almoço de Comemoração do Dia Internacional da Mulher, onde estiveram presentes várias militares do Quadro Permanente de diversas armas e serviços, de áreas funcionais de combate, de apoio de combate e de apoio de serviços.

### JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO ENTRE OS MILITARES DE CAVALARIA QUE PASSARAM À SITUAÇÃO DE RESERVA E OS QUE SE ENCONTRAM NO ACTIVO

Realizou-se no RL2, em 16 de Fevereiro de 2006, um jantar de homenagem aos Oficiais da Arma de Cavalaria que passaram à situação de Reserva. O jantar realizado na messe de Sargentos deste Regimento contou com a presença de muitos Oficiais da Arma de Cavalaria de todas as U/E/O.

### CERIMÓNIA DE DESPEDIDA DO EXMO CMDT DAÍDA E SILVA

Em 03 de Abril de 2006 decorreu na Parada Marechal Carmona a Cerimónia de Despedida do Exmo Cmdt do RL2, CORCav Luís



Miguel Correia David e Silva. A Cerimónia constou de formatura Regimental, comandada pelo Exmo 2º Cmdt TCOR José Manuel Ferreira Fânzeres composta pelo Esquadrão de Comando e Serviços e Grupo de Polícia do Exército com uma Secção Cinotécnica e 2 Esquadrões de Polícia do Exército. Durante o decorrer da cerimónia foram impostas condecorações e entregues Diplomas de Louvor.

Foi imposta a Medalha de Serviços Especiais das Forças Armadas Comemorativa de Comissões de Serviços Especiais ao ISAR Cav José Ferreira com a Insignia "Bósnia 2001".

Foram ainda entregues, diplomas de louvor a militares do RL2 louvados pelo Exmo Governador Militar de Lisboa e pelo Exmo Cmdt do RL2.

De seguida o Exmo Cmdt proferiu uma pequena e sentida alocação de despedida, terminando a cerimónia com o desfile das forças em Parada.

### CERIMÓNIA DE TOMADA DE POSSE DO EXMO CMDT BAÍA AFONSO



Em 04 de Abril de 2006 decorreu na Parada Marechal Carmona a Cerimónia de Tomada de Posse do Exmo Cmdt do RL2, CORCav Carlos Alberto Baía Afonso. A Cerimónia constou de formatura Regimental, comandada pelo Exmo 2º Cmdt TCOR José Manuel Ferreira Fânzeres composta pelo Esquadrão de Comando e Serviços e Grupo de Polícia do Exército com uma Secção Cinotécnica e 2 Esquadrões de Polícia do Exército. Durante o decorrer da cerimónia o Exmo. Cmdt proferiu uma alocação de apresentação, terminando a cerimónia com o desfile das forças em Parada.



## Regimento de Cavalaria nº 3

### VISITA AO RC3 DO TPO/CAV 1980/1981

O Regimento recebeu em 18 de Janeiro de 2006 a visita do TPO de Cavalaria 1980/81. Passados 25 anos, os então Aspirantes Tirocinantes de Cavalaria José Carlos F. Antunes Calçada, Manuel M. Costa da Silva Couto e João Eduardo Lupi C. Sampaio reuniram-se no RC3 para comemorarem mais um aniversário.

A celebração do evento contou ainda com a presença do então Director de Curso, CAP Cav António Parra, actualmente Superintendente da PSP na reserva, e do Director de Instrução MAJ Cav Garcia Correia, hoje Coronel na situação de reserva.

### COMEMORAÇÕES DO DIA DE FINADOS

No passado dia 2 de Novembro de 2005, o RC3 realizou a cerimónia de Finados no cemitério de Estremoz.

Neste dia, e de acordo com a tradição, devem as Unidades assinalar a data com uma cerimónia pautada pela sobriedade e dignidade com que se procura respeitar os sentimentos e tradições da população local.

### COMEMORAÇÕES DO 87º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO DA I GUERRA MUNDIAL

O Núcleo de Estremoz da Liga dos Combatentes realizou no dia 11 de Novembro de 2005 a cerimónia comemorativa do 87º Aniversário da I Grande Guerra, junto ao Monumento de Homenagem aos Mortos desse conflito, na cidade de Estremoz.

O Regimento associou-se a esse evento com um 1 Oficial, 3 Sargentos e 18 Praças na Guarda de Honra. A cerimónia foi presidida pelo Exmo Comandante.

### II PASSEIO NATAL BTT – RC3



O Regimento organizou no passado 29 de Novembro de 2005 o II Passeio de Natal em BTT. Participaram no passeio cerca de 130 "Betetistas" entre militares e civis. Os passeios de BTT do Regimento surgem como uma oportunidade para se estreitarem ainda mais os laços de amizade e camaradagem que unem os militares, incentivando ao mesmo tempo a participação da população civil.

### REUNIÃO/CONVÍVIO GCAV 345

Realizou-se no passado dia 3 de Dezembro de 2005 o almoço convívio do Grupo de Cavalaria 345, com o objectivo de assinalar mais um aniversário sobre a data do seu regresso de Angola. A reunião do GCav 345 iniciou-se logo pela manhã com apresentação de cumprimentos na Sala do Capítulo do RC3, com uma homenagem aos mortos em campanha e a celebração da Eucaristia na Capela do Regimento, terminando com o descerramento de uma placa comemorativa e o almoço convívio no refeitório da Unidade.

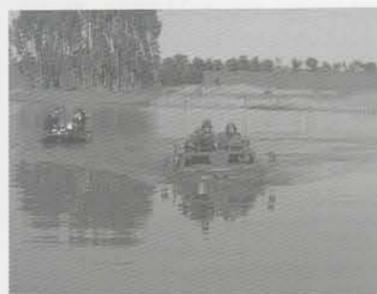
### EXERCÍCIO DE RECONHECIMENTO DA AM



O RC3 apoiou em 23FEV06 o exercício de reconhecimento dos Cadetes do 4º ano de Cavalaria da Academia Militar. Este exercício faz parte do plano curricular do curso de Cavalaria da AM e tem como objectivo dar a conhecer aos futuros oficiais da Arma a realidade das unidades de reconhecimento.

Os Cadetes tiveram a oportunidade de passar pelas várias funções de um PelRec do ERecLig/BRR (Cmdt Pelotão, Sargento de Pelotão, Cmdt da Sec de Exploração e Cmdt da Sec de Atiradores), bem como tirar partido das potencialidades das viaturas.

### CONDUÇÃO ANFÍBIA



O Esquadrão de Reconhecimento realizou em 31Jan06 mais uma instrução de condução anfíbia com as viaturas VBL M11 Panhard.

Este acontecimento foi o culminar de mais um período de instrução colectiva.

### PROMOÇÕES

Durante o mês de Janeiro foram promovidos ao posto imediato os seguintes militares do Regimento:

- a Major, o Capitão Cav Luís Miguel C. Mourato Gonçalves
- a Sargento-mor, o Sargento-chefe Cavª Angelino José G. Cabacinho
- a Sargento-ajudante, os 1ºs Sargentos Cav Bernardino Alberto T. Passadinhas, José F. Espada Batalha e o 1º Sarg SS Luís M. Ferreira Madruga

### ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO REGRESSA DO KOSOVO

O Esquadrão de Reconhecimento/RC3 regressou no passado 03Abr06 de mais uma missão no Teatro de Operações do Kosovo. O ERec integrou o 3º BIPARA/BAI em Tancos, aproximadamente durante 1 ano. Este período de tempo correspondeu à fase de preparação e aos 6 meses de missão naquela província dos Balcãs.



## Quartel da Cavalaria em Santa Margarida Ex-Regimento de Cavalaria nº 4

### ACTIVIDADE OPERACIONAL

- Um contingente de militares do Grupo de Carros de Combate (GCC) da Brigada Mecanizada (BrigMec) partiu em Janeiro de 2006 (1º semestre) para Teatro de Operações da Bósnia, no âmbito dos acordos de Manutenção da Paz, comandado pelo TCOR Cav RUI FERREIRA.

- Participou no Apoio ao Exercício Klina do 1º BIMec de 27Jan a 03Fev06, na Região de Idanha-a-Nova, com 1 Oficial, 4 Sargentos e 22 Praças.

- Apoiou a EPC de 08 a 17FEV06 com 1 Oficial, 3 Sargentos e 12 Praças e diversas viaturas blindadas de combate.

- O Esquadrão de Reconhecimento (ERec) da BrigMec realizou o Exercício Lobo 061 em 08Fev06, Lobo 062 em 15Fev06, Lobo 063 em 14/15Mar06 e efectuou Tiro do Encargo Operacional em 02Mar06, envolvendo cerca de 4 Oficiais, 14 Sargentos e 80 Praças.

### VISITAS

- No âmbito das Jornadas do Dia da Defesa Nacional, cerca de 120 jovens continuam a visitar diariamente o Regimento de Cavalaria 4 e o Campo Militar de Santa Margarida (CMSM).

- Em 18Jan06 e 26Fev06 visitaram o RC4 o 7ºT/05 e 8ºT/05 do CFGCPE, do RI2.



- Em 09Fev06 realizou-se a visita de uma delegação do Externato de Educação Popular.

- Em 18Fev06, o 85º Curso Geral de Milicianos de Comandos visitou e almoçou no RC4.



### DESPORTO

- O GCC participou no dia 10 de Março de 2006 na Prova da Avenida, tendo o Sold PAIXÃO batido o Record da Prova, com o tempo de 6' 42", 76.

- Participou também no Campeonato de Tiro do CMSM no período de 20 a 24Fev06.

- O ERec participou no Campeonato de Tiro/CMSM de 20 a 24Fev06, com 4 Sargentos e 2 Praças.

- Realizou-se em 21 e 22 de Março 2006 o Campeonato de Orientação - Fase Regional, destacando-se o GCC através do 1SARCav César Silva, que obteve o 1º Lugar/Masculino 1º Escalão, e a CADJ Patrícia Cardoso que também conseguiu o 1º Lugar/Feminino.

### DIA DO RC4

Em 09 de Março de 2006 realizaram-se as Cerimónias Comemo-



rativas do Dia do Combate de VIELLE e Data Festiva das Unidades de Cavalaria da BrigMec.

As Cerimónias foram presididas pelo Exmº TGEN Eduardo Alberto Madeira de Velasco Martins, Director Honorário da Arma de Cavalaria.



Destaque para uma exposição de Barretinas, Bivaques, Boínas e Chapéus Militares, organizada pelo Engenheiro José Santos.

Estiveram presentes várias entidades civis e militares, tendo as cerimónias decorrido com o brilho e rigor próprios da Arma de Cavalaria.



# Regimento de Cavalaria nº 6

## O NATAL NO REGIMENTO

### PALESTRA SOBRE "ASSUNTOS DE FAMÍLIA"



O Excelentíssimo Senhor Dr Carlos Alberto de Aguiar Vieira Gomes, Presidente da Associação Famílias, deslocou-se ao Regimento de Cavalaria N.º 6 no dia 19 de Dezembro, onde proferiu uma palestra subordinada ao tema "A Família e o Natal".

Esta palestra, realizada num momento especial de comunhão de fé, recolhimento e convívio de toda a família militar, contou com a presença da grande maioria dos militares e funcionários civis que prestam serviço no Regimento.

### FESTA DE NATAL



Realizou-se no dia 20 de Dezembro, no Regimento de Cavalaria n.º 6, a tradicional Festa de Natal com os militares e funcionários civis do Regimento e do Centro de Recrutamento de Braga.

A Festa de Natal teve início com a realização da já tradicional Corrida de Natal, na qual participaram cerca de três dezenas de militares. Seguidamente teve lugar a realização de um jogo de futebol de militares do sexo feminino e da final do Torneio de futebol de 5. Para os filhos dos militares e funcionários civis presentes, foi projectado no Auditório do Regimento o filme "A história do Natal".

### CAMPEONATOS DESPORTIVOS MILITARES

**TIRO DESPORTIVO FASE 2/2006 DA MODALIDADE DE PISTOLA (REGIONAL)**  
No período de 20 a 24 de Fevereiro de 2006 decorreu na Escola Prática de Transmissões o Campeonato Desportivo Militar de Tiro Desportivo Fase 2/2006 da Modalidade de

Pistola (Regional). Em representação do Regimento de Cavalaria N.º 6 participaram 03 Militares.

O Regimento obteve o 10º lugar na Classificação Geral por Equipas.

O Sargento-ajudante de Cavalaria Domingos Costa classificou-se no 6º lugar na Classificação Individual.

### TIRO DESPORTIVO FASE 2/2006 DA MODALIDADE DE ESPINGARDA (REGIONAL)

Também naquele período decorreu na Escola Prática do Serviço de Transportes o Campeonato Desportivo Militar de Tiro Desportivo Fase 2/2006 da Modalidade de Espingarda (Regional).

Participaram no campeonato 06 militares do Regimento, sendo 03 do sexo masculino e 03 do sexo feminino, que obtiveram respectivamente as seguintes classificações: 8º e 2º lugares.

### CENTRO DE DIVULGAÇÃO DA DEFESA NACIONAL

No Regimento de Cavalaria N.º 6, desde o passado dia 21 de Fevereiro foi accionada a 2ª Fase do Centro de Divulgação de Defesa Nacional, com carácter temporário, das Actividades do Regimento, bem como dos três ramos das Forças Armadas.

O Regimento acolhe uma vez mais esta actividade e presta o devido apoio logístico à equipa de divulgação, colaborando activamente nesta actividade de angariação de jovens voluntários para a prestação de serviço nas Forças Armadas.

### ACTIVIDADE OPERACIONAL FORMAÇÃO DE CONDUTORES E APONTADORES DE V-150

No período de 06 a 24 de Março de 2006, no Regimento foi ministrada instrução das seguintes especialidades militares, com a participação dos militares que se indicam:

- Apontadores V-150 - 15 militares
- Condutores VBL - 21 militares
- Operadores VCB - 13 militares
- Apontadores de Morteiro 81mm - 10 militares



### VISITAS À UNIDADE

No âmbito das visitas às diferentes Unidades, Estabelecimentos e Órgãos, após a tomada de posse como 2º Comandante da Região, o Excelentíssimo Major-General Alfredo Nunes da Cunha Piriquito, visitou o Regimento de Cavalaria N.º 6 no dia 16 de Fevereiro de 2006.

O programa da visita constou do seguinte:  
10H00 - Chegada do Exmo MGEN PIRIQUITO à porta D'Armas;  
10H05 - Apresentação de cumprimentos no Salão Nobre;  
10H15 - "Briefing" na Biblioteca;  
11H00 - Visita pelo Regimento;  
12H20 - Almoço;  
13H50 - Registo do Livro de Honra no Salão Nobre;  
14H00 - Fim da visita - saída à P. Armas.



### CERIMÓNIAS

#### PROCISSÃO DO SENHOR DOS PASSOS EM BARCELOS

O Regimento participou no dia 12 de Março de 2006 na Procição do Senhor dos Passos com uma Secção Apeada, composta por 01 Sargento e 08 Praças, constituindo uma Guarda de Honra ao Pálio - Marcha e Procição - com o garbo e o brilhantismo que são apanágio dos "Dragões d'entre Douro e Minho".

#### PEREGRINAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS COMBATENTES AO SAMEIRO

A Associação Portuguesa dos Veteranos de Guerra realizou no dia 19 de Março de 2006 a Peregrinação Anual dos Antigos Combatentes ao Sameiro, em Braga.

O Regimento participa nesta Peregrinação com uma Guarda de Honra ao Altar, durante a celebração da eucaristia.



# Regimento de Cavalaria da GNR



Desde o final do mês de Novembro de 2005, o Regimento de Cavalaria (RCav) da GNR tem desempenhado, entre outras, as seguintes actividades que a seguir se destacam:

■ **Honras de Estado - Escoltas de Honra a Cavallo, às seguintes Entidades:**

- a. 1º Ministro da República Popular da China;
- b. Presidente da República da Nigéria;
- c. Presidente do Congresso Nacional de Espanha.



■ Em 06Jan06, o Tenente Coronel de Cavalaria Gil Herberto de Menezes tomou posse como Comandante do RCav da GNR, numa Cerimónia Militar que decorreu na Parada do 4º Esquadrão do Regimento, no aquartelamento da Ajuda.

■ No dia 26Jan06, Sua Exª o Presidente da República, Dr. Jorge Sampaio, visi-



to o RCav da GNR, com o propósito de condecorar a Unidade com o título de Membro Honorário da Ordem do Infante. Esta condecoração visa distinguir, entre outras qualidades, quem houver prestado serviços relevantes a Portugal, no país e no estrangeiro.



■ Em 30Jan06, realizou-se em Lisboa a Conferência Internacional do Grupo *Microsoft*, onde estiveram presentes Chefes de Governo de mais de 30 países diferentes e onde o Rcv da GNR prestou as honras devidas, no Palácio Nacional das Necessidades.

■ No período compreendido entre 01 e 05Fev06, no âmbito do Programa de Cooperação entre Portugal e os PALOP, visitou o RCav da GNR, o Comissário Geral José Alfredo Ekuikui, Comandante Geral da Polícia Nacional de Angola, acompanhado de uma delegação constituída por alguns Oficiais daquela Corporação. Do programa da visita, constaram algumas actividades realizadas especificamente pelo RCav, tais como:



- a. Demonstração de RMOP; Observação da Instrução CEC aos novos Militares de Cavalaria da GNR;
- b. Apresentação da Charanga a Cavallo;
- c. Demonstração de Desbaste de Solípedes;



■ Vulgarmente designado como *sala de visitas da GNR*, o RCav recebeu em 09Fev06, com muita honra, o Exmº Vigário Geral Castrense, D. Januário Torgal Ferreira.



■ Em 16Fev06, teve lugar no aquartelamento do 4º E/Ajuda o encerramento do Curso Específico de Cavalaria para Praças, CEC/Praças, onde, como é habitual, se reuniram numa cerimónia de encerramento todas as Praças da GNR que terminaram o CEC, e que frequentaram o curso em Lisboa (Ajuda e Braço de Prata), Évora e Coimbra, num total de 156 Militares.



## Centro Militar de Educação Física e Desportos

O Centro Militar de Educação Física e Desportos é um estabelecimento de Ensino com muitas valências na área da Equitação e da Educação Física Militar.

Durante o 1º trimestre do corrente ano decorreram diversas actividades nas mais diferentes áreas, desde a formação, apoios, visitas e outras.

Na área da formação decorreram os cursos de Instrutores de Educação Física Militar, Cursos de Juizes de Ensino, Estágios da Equipa Nacional de Dressage, da Equipa de Hipismo do Exército e a Reciclagem Range Officer da Federação Portuguesa de Tiro.

Na área do apoio contamos com o estágio da Equipa de Corta-mato do Exército, V torneio de natação Adaptada para jovens deficientes da região de Lisboa, Campeonato Nacional Militar de Corta-mato, Poule do Concurso Combinado de Equitação, Passeio de BTT na Tapada Militar e Comemorações do dia da árvore.

Durante este período tivemos a visita de várias entidades militares, realçando a dos Adidos Militares acreditados em Portugal e dos Cadetes da Academia de West Point. Das visitas das entidades civis destacamos as 13 escolas do ensino Básico e Secundário que fizeram várias actividades na área dos desportos radicais.

Por último realçamos como actividade mais importante deste período, a 50ª SEMANA EQUESTRE MILITAR (SEM) que decorreu no período 24 a 26 de Março e 31 de Março a 2 de Abril de 2006.

A SEM é sucessora do Campeonato do Cavalo de Guerra que teve a sua 1ª edição em Torres Novas no já longínquo ano de 1904. Este evento realiza-se no início de cada época hípica nacional e tem como finalidade a apreciação de todos os cavaleiros militares e dos cavalos que têm à sua responsabilidade.

Esta edição, por ser a 50ª, pretendeu revivir e relançar algumas tradições do passado. Reatou-se a cerimónia de encerramento com o desfile final dos concorrentes a cavalo, onde os porta-guiões das unidades trajaram à época da sua criação (Séculos XVIII e XIX) e,



após a actuação da Charanga a Cavallo da Guarda Nacional Republicana, apresentou-se a "Reprise da Escola de Mafra".

Não integrando o programa das provas hípias, realizaram-se, em parceria com a Revista da Cavalaria, umas Jornadas compostas por diversas palestras a cargo de vários oradores, sob o título: "Equitação Militar - um salto para o futuro", onde se discutiu a Equitação Militar nas suas diversas vertentes.



Esta edição da Semana Equestre Militar trouxe também uma novidade: o lançamento de uma nova modalidade desportiva equestre. O TREC - Técnicas de Randonnée Equestre de Competição, em franca expansão em toda a Europa, trata-se de uma disciplina que teve origem no turismo de natureza e que inclui, entre outras provas, a orientação a cavalo e um percurso em terreno variado, cuja prática se pode considerar de grande desafio para todos. Atendendo à característica dos cavalos, constitui-se numa disciplina acessível, baseada na equitação de exterior, que se enquadra perfeitamente no seio da equitação militar.

Acontecimento desportivo castrense com largas tradições, que se realiza anualmente desde 1957, é considerada o expoente da Equitação Militar pelo seu significado, servindo também de ponto de encontro e de reunião dos cavaleiros e para avaliação da situação equestre no Exército.

Apesar de, na sua essência, se destinar a cavaleiros militares, as provas nas modalidades

de Ensino, TREC e Concurso Completo de Equitação foram abertas a cavaleiros civis. Este ano a participação no evento contou com 55 oficiais, incluindo 7 aspirantes a oficial, 20 sargentos, 30 cadetes da Academia Militar, 24 alunos do Colégio Militar e 15 cavaleiros civis, que quiseram associar-se às comemorações dos 50 anos de Semanas Equestres Militares.



O Exército convidou todos os interessados a deslocarem-se ao Centro Militar de Educação Física e Desportos, em Mafra, para assistir às Provas da I. SEM, onde, no enquadramento da Tapada e do Convento, desfrutaram de momentos de salutar convívio, que o cavalo e as provas equestres sempre proporcionam. As bancadas do Campo Brigadeiro Henrique Callado (Campo dos Plátanos) foram pequenas para albergar todos os que quiseram assistir ao último dia de provas, pois foi notada uma enorme e inusual afluência de público que, em conjunto com os intervenientes, desfrutaram de um excelente espectáculo equestre.

Ficam para a posteridade os seguintes resultados das provas mais significativas:

**PROVA XX - ENSINO - COMPLEMENTAR 3 - CÂMARA MUNICIPAL DE MAFRA**

1º Classificado - SMOR CAV Luís Machado do CMEFD, com "QUO-VADIS"

2º Classificado - ISAR INF PARA Luís Matos do CMEFD, com "PAINÇO"

3º Classificado - TEN CAV João Miranda do CMEFD, com "QUE-ÍMPIO"

**PROVA XXI - OBSTÁCULOS - DUAS MÃOS - ESTADO MAIOR DO EXÉRCITO**

1º Classificado - COR CAV Ref Nuno Bivar com "REMBRANDT"

2º Classificado - TCOR CAV Miguel Pombeiro do CMEFD, com "CALIDEL"

3º Classificado - Aluno Araújo do Colégio Militar, com "ALP"

**PROVA XV - CAMPEONATO EQUESTRE MILITAR - GOVERNO MILITAR DE LISBOA E CMEFD**

1º Classificado - TEN CAV Fernando Cunha do RC6, com "OPRESSOR DE FÓJA"

2º Classificado - TEN GNR Hugo Gomes, com "PROFESSOR"

3º Classificado - TEN GNR Adriano Cristiano, com "MARADO"



## UALE - Unidade de Aviação Ligeira do Exército

### EXERCÍCIO FELINO 2005



O Exercício FELINO 2005, organizado pelas Forças Armadas da República de Cabo Verde, teve lugar entre os dias 25 e 27 de Outubro de 2005 na Cidade da Praia. O seu objectivo era exercitar o Estado-Maior e Unidades de Manobra de uma Força Militar constituída por países da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) na condução de uma Operação de Resposta a Crise.

Participou neste exercício o Capitão INF PilAv Agostinho de Sousa Ribeiro do GALE nas funções de Of de OpAéreas/EMBatCPLP.

### FESTA DE NATAL 2005 DO GALE



Em 20Dec05 realizou-se no Aeródromo Militar de Tancos, a Festa de Natal destinada aos filhos de todos os militares e civis que prestam serviço no GALE e CTAT e respectivas famílias.

Foram integrados no programa das Festas de Natal: um espectáculo de animação, salto em pára-quadras do Pai Natal, uma demonstração de uma equipa cinotécnica da ETAT e a distribuição de prendas de Natal e lanche.

### JOGO DE FUTEBOL DE CONFRATERNIZAÇÃO



Em 23Fev06 realizou-se no GALE, um jogo de confraternização entre uma equipa de futebol de antigos oficiais e a equipa representativa do GALE, formada por oficiais e sargentos da unidade. Antes e após o evento desportivo seguiram-se agradáveis momentos de convívio e um almoço entre os participantes.

### DESPEDIDA DO SMOR CAV RIBEIRO



Em 06Fev06 realizou-se no Hangar Norte, um almoço de despedida com entrega de lembranças, seguida de algumas palavras de Cmdt do GALE COR Cav Esteves Pereira e do SMOR Cav Joaquim Ribeiro. O SMOR Ribeiro servia no GALE desde 16Jul01 e foi colocado na DGPRM/MDN.

### VISITA DO CMDT DO GALE À BA11/BEJA

Em 09Fev06 o Cmdt do GALE visitou a Base Aérea 11 onde, desde 18 de Abril, estão colocados 3 pilotos e 10 mecânicos do GALE, com o objectivo de adquirir e manter as suas qualificações aeronáuticas. O Cmdt da BA11, COR PilAv Allen Revés visitou na mesma data o destacamento da BA11 em permanência no AMT.



